

AGLAIR M. BERNARDO

**UM NOVO TIPO DE "IMPULSO" NA CIDADE:
UM ESTUDO DO SERVIÇO TELEFÔNICO
DISQUE AMIZADE DE FLORIANÓPOLIS**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Pos-Graduação em An-
tropologia Social da Universidade Federal
de Santa Catarina.**

Orientadora: Profa. Dra. Esther Jean Langdon


Florianópolis

Primavera / 1994

UM NOVO TIPO DE "IMPULSO" NA CIDADE:
UM ESTUDO DE SERVIÇO TELEFÔNICO
DISQUE AMIZADE DE FLORIANÓPOLIS

Aglair Maria Bernardo

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Aprovada pela Banca Examinadora composta pelas seguintes professoras:



Profa. Dra. Carmem Rosa Caldas Coulthard



Profa. Dra. Carmem Sílvia Rial



Profa. Dra. Esther Jean Langeon (orientadora)

Florianópolis, 09 de dezembro de 1994.

Dedico este trabalho aos meus pais,
Arlindo e Andília, pelo estímulo e ca-
rinho com que me conduzem, também
na minha vida acadêmica.

Agradecimentos

Foram valiosas e inúmeras as contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço especialmente:

Ao grupo de amigos que estava comigo em uma noite de sexta-feira, chuvosa e fria, e que me apresentou o "145": Lucas, Eliane e Daniel.

Ao grupo "Comando de Extermínio" que "cruzei" em uma noite no "145" que tinha o objetivo de "detonar" as "conversas sérias" que ocorriam no sistema: Duda, Luís, João. E, em especial, a Marcelo.

A Sidinalvo e Valentim, e aos demais colegas de mestrado, que estimularam a elaboração do projeto de pesquisa sobre o "145".

Aos professores(as) do mestrado, em especial a Sílvio Coelho dos Santos, Miriam Grossi, Carmen Rial e a Cláudia Salazar, professora do Departamento de LLV desta Universidade, interlocutores fundamentais em meu processo de crescimento acadêmico.

Aos colegas do Curso de Jornalismo: Finco, Peninha, Zé Gatti, Sônia Maluf, Giki e Mauro Pommer pelas cumplicidades e solidariedade.

Ao pessoal do Disque Amizade de Florianópolis e aos usuários do sistema que me permitiram concretizar o projeto.

Ao Zardo, pela "força" que me deu em seu constante apoio técnico e amigo em relação ao "AMIGA".

A Regina Carvalho por colocar os "pontos" e as "vírgulas" nos

seus devidos lugares.

A Adiléia Bernardo, irmã e amiga, pelo companheirismo.

Ao Marcos Cardoso, um grande amigo.

Ao Celso Peres Fernandes pelos constantes estímulos e amizade permanente.

A Haroldo Ricardo ("in memoriam") e Lílica Patrícia, amigos de outra espécie, pelo conforto e presença fiel.

Ao Luís, pelo afeto e paciência carinhosa.

Finalmente, a E. Jean Langdon, orientadora, pela confiança e sensibilidade com que conduziu a orientação e por quem cultivo uma admiração especial.

Resumo

O estudo do serviço telefônico Disque Amizade de Florianópolis tem como objetivo chamar a atenção para o surgimento de um novo tipo de sociabilidade na cidade. Pretende lançar pistas para se refletir o impacto das novas tecnologias em comunicação sobre o imaginário contemporâneo.

A análise das interações que são construídas através do sistema permite-nos perceber que, diferentemente dos estudos clássicos que apontavam para um processo crescente de individualização e impessoalidade nas relações sociais no meio urbano, surgem diversas e distintas formas de encontros, que podem conduzir a formação e ampliação de redes de relações sociais na cidade.

É de novos fluxos sociais que trata este estudo, ao mesmo tempo que salienta a importância do surgimento de novos tratamentos teórico-metodológicos para abordá-los.

Abstract

The study on the telephone service "Disque Amizade" offered in Florianópolis aims at calling the attention to the emergence of a new type of sociability practice held in town. It intends at casting cues on the reflection about the impact of this new communication technology upon the contemporaneous imaginary.

The analysis of the interactions constructed through this system allows us to perceive that, contrary to classical studies pointing to an increasing process of individualization and impersonality of the social relationships in the urban area, several and distinct forms of dating and meeting people emerge, which can lead to the formation and expansion of social relationship nets in the city.

This study deals with new social flows, and simultaneously points out to the importance of the emergence of new theoretical-methodological ways to approach them.

" A possibilidade de haver conversa reside na impossibilidade de duas pessoas terem a mesma experiência, estejam ou não suas atenções dirigidas para um mesmo ponto. Um antigo anseio budista (sentar em cadeiras diferentes). "

(John Cage)

Índice

Prólogo.....	01
Introdução.....	03
Capítulo 1 - Com quem eu estou falando?.....	
1.1. Descobrimdo e construindo o objeto.....	14
1.2. Proposta de análise.....	19
1.3. Texto e contexto.....	21
Capítulo 2 - De onde você fala?.....	
Incursoes teórico-metodológicas:	
2.1. na cidade.....	26
2.2. na linha.....	35
Capítulo 3 - O que você faz?.....	
A pesquisa.....	40
Capítulo 4 - Como você é?.....	
4.1. "Disque Amizade", uma descrição geral.....	47
4.2. Uma breve história.....	48
4.3. A monitorização.....	51
4.4. O dia a dia das monitoras.....	54

Capítulo 5 - Você quer ligar prá mim?.....	
5.1. Circulação e distribuição de corpos e afetos na linha pública.....	67
5.1.1. O discurso Identificatório.....	89
5.2. Circulação e distribuição de corpos e afetos na linha privada.....	99
a. "A pessoa evitou o contato direto, não sei por quê....."	105
b. "Já tive bastante rolo no 145"....."	109
a. "A voz dele me chamou atenção"....."	115
d. "Deixa eu te esquentar, deixa"....."	121
e. "Já teve até homem oferecendo a mulher dele prá mim".."	134
f. "Emaranhada na linha: pensando as armadilhas do campo....."	143
Conclusões.....	150
Bibliografia.....	160

PRÓLOGO

Você quer conversar comigo? pergunta Jane languidamente. Marcos e Paulo, que estão na linha já há algum tempo, à espera de uma gata, rapidamente buscam formas de aproximação e, ora um, ora outro, perguntam de onde ela está falando, quantos anos tem, se está sozinha, o que faz, como é ...

Aquela voz açucarada invade a linha e imediatamente se toma o centro das atenções. Uma voz sem corpo, mas que ganha formas através de imagens que são construídas pouco a pouco.

Jane agora provoca os dois rapazes, através de breves suspiros e risadinhas sedutoras, embriagando-os cada vez mais. Sabe que terá que optar por um deles, pois dá a entender constantemente que está também em busca de um gato que compartilhe com ela aquela noite de sexta-feira, chuvosa e fria. Paulo adianta-se, percebendo que sua voz madura e firme, é aparentemente mais velho que Marcos, tenha lhe provocado mais intensamente os desejos e...

- *"Liga prá mim, Jane. Vou lhe dar o número."* Marcos, sentindo-se excluído, apenas silencia e continua na linha enquanto Paulo e Jane saem.

- *"O que você está vestindo, Jane?"*

- *"Nada de especial. Estou deitada sobre algumas almofadas ouvindo Marisa Monte e visto uma camiseta branca que cobre parte de minhas coxas. Tenho frio e, você sabe, meu corpo se arrepia só em imaginar aquela chuva fina que cai lá fora."*

Paulo fecha os olhos e vê um corpo bem modelado, provavelmente inspirado nas garotas da Playboy, que se insinua à sua frente. A voz, agora, invade seu corpo e...

Jane dá um breve gemido. Não há trocas de olhares, há apenas um longo silêncio.

Marcos continua na linha, revoltado com as "baixarias" que dificultam uma conversa "séria" que está tendo com Márcia - "*Tem alguém na linha, pô?*" - Não se sente seguro em lhe dar o número particular do seu telefone, pois teme que as outras pessoas que estejam na linha, ano tem-no e sofra posteriormente trotes. Marcos e Márcia resolvem dar um tempo e aguardam uma oportunidade para retomar a conversa que, ao que tudo indica, poderá ser tão prazerosa quanto a de Paulo e Jane.

INTRODUÇÃO

Quando comentava rapidamente o objeto de minha pesquisa, um estudo do "disque amizade" de Florianópolis, ou apenas do "145" (cento e quarenta e cinco ou um, quatro, cinco) como é comumente denominado pelos seus usuários, era comum eu ouvir perguntas do tipo: o que as pessoas fazem ao telefone? Tem muito sexo? O pessoal chega a gozar? Afinal, que tipo de relações são essas?

Tais perguntas, combinadas com outras que eu mesma fazia cotidianamente, durante o processo de investigação e que pretendiam perceber, através de um estudo em profundidade, o surgimento de um novo tipo de sociabilidade no espaço urbano, remetiam, pouco a pouco, a respostas do tipo: na realidade não é apenas sexo o que mobiliza os interlocutores do "145". Constatava, contudo, com as observações sistemáticas que realizava, que os tipos de interações ali construídas iam além da concepção originária da sistema, que é, conforme o próprio nome indica, estimular a construção de amizades através de uma rede específica de telefone. As interações, continuava, são de várias ordens; as pessoas se procuram por diferentes motivos, os discursos ali produzidos e os assuntos que estão presentes nas conversações são bastante diversificados. Porém, se-

xo e motivações de ordem amorosa vêm sendo gradualmente o objetivo dominante.

O Disque Amizade é um sistema de interligação múltipla que, semelhante a outros que existem atualmente em muitos países, reúne vários participantes, estranhos entre si, originários de pontos diferentes da cidade, que interagem apenas por telefone. O sistema em Florianópolis funciona do seguinte modo: são vinte e quatro canais que agrupam cinco linhas em cada um deles. Isto quer dizer que cento e vinte pessoas podem acessar o sistema ao mesmo tempo e "cair" em uma das linhas aleatoriamente. Essa característica, que é o fator aleatório, impede, por exemplo, que o usuário possa optar por uma determinada linha e marcar encontros através do "145".

O processo interativo é, neste sentido, definido pelo acaso, o que gera uma diversidade significativa entre os vários grupos que são formados. Como veremos mais adiante, o sistema é monitorizado e, conforme a demanda, para facilitar os encontros as linhas são "abertas" ou "fechadas". Existe também um padrão de conversação ideal, estabelecido pelo sistema que é regulado pela vigia e escuta constante das monitoras, que desempenham um papel fundamental na organização das falas que são ali produzidas.

Para acionar o sistema, basta o usuário ter um telefone à sua disposição e discar 1-4-5, de sua própria residência ou mesmo do trabalho, já que não são possíveis ligações através de telefones públicos. Além de rece-

ber ligação de vários pontos da cidade, agrupa personagens das mais diversas origens sociais e com diferentes motivações resultando em uma complexa rede de comunicação e interação social.

O acesso ao sistema, neste sentido, não é privilégio de determinados grupos sociais, na medida em que são inúmeros os trabalhadores que têm à sua disposição, cotidianamente, um aparelho de telefone. Como as ligações não aparecem discriminadas na conta telefônica, diferentemente dos "disques eróticos", entre outros serviços, a utilização do sistema torna-se praticamente invisível, registrando-se somente os impulsos.

É importante observar que o serviço telefônico "Disque Amizade" abrange o código de área da cidade em que está instalado. Neste caso o código 0482 reúne outras cidades além de Florianópolis e que também são beneficiadas pelo sistema. Porém, durante o período de observação, constatou-se que a presença de usuários de cidades mais distantes de Florianópolis é menor. Constatei a participação mais intensa de usuários de São José, e mais raramente de outras cidades vizinhas, como Imaruí e Palhoça. Cheguei a estas conclusões através dos prefixos dos números de telefones que eram trocados durante as conversas em grupo no "145".

Devido a esta característica, a concentração de participantes de uma mesma cidade, é que denomino a pesquisa, enquanto um estudo do sistema em Florianópolis.

Está-se, aqui, diante de um tipo de interação diferente daquelas cotidianas onde os interlocutores contam com os demais elementos organizadores da fala e que mediam a conversação como, por exemplo, os aspectos relativos à comunicação não verbal. As pessoas interagem, ainda, sem contar com referências e conhecimentos prévios dos interlocutores, onde o anonimato, característica fundamental destas interações, assume e é experienciado em graus distintos, podendo ser vivenciado ao extremo.

Realizar uma etnografia do "Disque Amizade" transformou-se, assim, em um desafio teórico-metodológico, onde eu tive que construir e tecer um método próprio de inserção em campo, pretendendo, deste modo, contribuir para o debate, já instalado e com muita propriedade na Antropologia, sobre a necessidade e emergência de novos tratamentos teórico-metodológicos em estudos sobre problemáticas urbanas. Pressionados por essas novas realidades, são diversos os autores que apontam para elaborações criativas que, se não explodem radicalmente os instrumentais metodológicos tradicionais, contribuem decisivamente para o avanço do debate.

Neste estudo está-se tratando de um campo com baixa visibilidade, cujo acesso se dá apenas por telefone e que resulta, ao final, para a pesquisadora, em um conjunto complexo de imagens imprecisas, opacas e fragmentadas. Trata-se de um campo disperso, fluido, sem contornos espaciais definidos; observável a qualquer momento onde a "entrada" da pesquisadora foi, por vezes, praticamente invisível, não necessitando de um

informante ou de guia estratégico que a conduzisse e a apresentasse a este universo, tal como ocorre nas etnografias clássicas.

A saída a campo, assim, apresenta algumas peculiaridades. Não havia necessidade de marcar entrevistas com antecedência, não havia necessidade sequer de a pesquisadora sair de casa. Contudo, quando resolvia entrar em contato com o "outro", esse processo apresentava igualmente algumas características semelhantes aos estudos tradicionais, quando os autores mencionam angústias, temores, fantasias e um complexo de emoções que são parte do processo.

A opção por uma pesquisa de característica essencialmente qualitativa deu-se pelo objetivo de valorizar os aspectos relativos à produção de subjetividades dos sujeitos observados, e da própria pesquisadora, durante o processo de investigação. Neste sentido recuperei algumas questões problematizadas pelos estudos sobre gênero que chamam atenção para a influência da subjetividade no processo de produção do conhecimento.

Deste modo, a identidade de gênero da pesquisadora e do universo pesquisado foi um aspecto importante, considerado durante a investigação. O fato de eu, como será visto mais adiante, ter participado do sistema em ocasiões anteriores e o conjunto de emoções, desafios e fantasias que inevitavelmente emergiam na relação sujeito-objeto contribuíram decisivamente para a construção de uma percepção e imagem do "outro".

Recupero aqui a idéia de relação intersubjetiva, tal como colocava

Cardoso:

"É uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se pode desvendar sentidos ocultos e explicitar relações desconhecidas" (CARDOSO, 1986, p. 103).

Não era relevante precisar com exatidão o número de entrevistas ou a quantidades de impulsos que foram consumidos durante o levantamento de dados. Importou-me, isto sim, observar o fenômeno até o momento em que de estranho transformou-se em familiar, para a partir daí extrair conclusões a respeito do conjunto de regras e codificações que lhe são próprias.

Busquei em Goffman alguns elementos teóricos que me orientaram a perceber o social desde um ponto de vista dramático e que me facilitaram a descrição do ambiente e do cenário em que atuam tais personagens e suas potencialidades discursivas.

Foram igualmente valiosas as contribuições de Maffesoli e a sua concepção de social que percebe as sutilezas do banal, do cotidiano e de suas vias subterrâneas enquanto instâncias criativas e geradoras da obra social. O autor chama-nos também a atenção para os momentos de ruptura e de construção de novos tipos de ordem interativa nas sociedades contemporâneas.

Neste aspecto foram decisivas as contribuições de Velho e Machado (1977), Caiafa (1985), Perlongher (1987), Magnani (1984), entre outros antropólogos brasileiros que nos alertam para os novos tipos de sociabilidade que emergem na sociedade brasileira atual e que corroboram a idéia de uma realidade dinâmica multifacetada de onde emergem novas codificações e complexidades.

Plano da dissertação

Em "*Com quem eu estou falando?*", primeiro capítulo, procuro descrever as circunstâncias que me colocaram diante do "145", a sua construção enquanto problemática e objeto de pesquisa e, de forma breve, tomar claros os objetivos da pesquisa e a sua abordagem. Em "*De onde você fala?*", segundo capítulo, estão mais explícitos os diálogos que foram realizados com os diversos autores e marcos teóricos que problematizam questões relativas aos estudos sobre sociedades complexas, a trajetória desenvolvida pela Antropologia na análise destas novas problemáticas e os desafios teórico-metodológicos que elas lhe impõe.

No capítulo três, "*O que você faz?*", descrevo a minha inserção em campo e as estratégias metodológicas adotadas durante o levantamento de dados. A partir do quarto capítulo, "*Como você é?*", procuro traçar uma breve história do sistema, bem como dou ênfase ao papel desempenhado pelas monitoras e ao processo de monitorização enquanto mecanismo regulador e

organizador das conversas que ocorrem no "145". Busquei, através do acompanhamento do cotidiano das monitoras, perceber como se desenvolve o controle das conversações, como elas interagem nas linhas e como elas codificam as diversas faixas que ali ocorrem.

Para efeito de análise classifiquei o "145" em linha pública e privada. É na linha pública que ocorrem as interações entre os vários usuários, que podem ou não remeter à continuidade da interação nas linhas privadas, quando um dos interlocutores cede o seu número particular de telefone.

Em "*Você quer ligar pra mim?*", *Circulação de corpos e afetos na linha pública*, procuro traçar um esboço breve e esquemático dos vários personagens que ali atuam e descrever os tipos de interação que ocorrem quando o sistema é acionado. Neste capítulo procuro demonstrar como, por trás de um aparente caos, existem regras que são compartilhadas e que conferem sentido aos diversos tipos de interação. Chamo a atenção para a tensão que há entre a tentativa de circunscrever, classificar e identificar a autoria e endereço exato da voz e as estratégias que são construídas com o objetivo de escapar a essas tentativas.

Em *Circulação e distribuição de corpos e afetos na linha privada*, procuro ir ao encontro de alguns destes personagens através de entrevistas sistemáticas e de um outro tipo de evento interacional que denomino fala participante, quando eu não me identificava enquanto pesquisadora. O objetivo, aqui, é perceber as especificidades da conversação que ocorre na linha

privada em sua relação com às que ocorrem na linha pública.

Em relação às entrevistas, solicitava para o entrevistado que fossem narradas histórias que considerava significativas e que ocorreram com ele no "145". O fato de eu ser mulher facilitou o meu contato com os homens que usam o sistema e levou-me a encontrar dificuldades em entrevistar mulheres. Esta situação fez-me a concluir que os usuários do '145' estão mais motivados por interações de ordem amorosa.

São apresentadas seis histórias, sendo que apenas duas tratam de histórias narradas por mulheres. A primeira, a história de Marla, foi também o único evento interacional face a face durante todo o processo de levantamento de dados junto aos usuários. Todos os demais deram-se exclusivamente pelo telefone.

A história de Isabel, no entanto, apresenta algumas especificidades na relação sujeito-objeto, e através dela, aponto algumas questões de caráter metodológico, que acredito serem significativas para se problematizar a incursão em campo. Neste aspecto, aproveito a oportunidade para dialogar com as demais histórias e iniciar algumas conclusões.

Finalmente, nas conclusões procuro chamar atenção para o surgimento de novas trajetórias sociais no mundo contemporâneo, entendendo o "145" enquanto um destes fluxos onde o sujeito, nebuloso, flutuante e fragmentado, inscreve-se em um conjunto complexo de transformações que caracterizam os nossos dias.

Em relação ao fato de eu em várias ocasiões não me identificar como pesquisadora e de não revelar que os depoimentos e as conversações estavam sendo gravadas, não era uma ameaça a qualquer código de ética, pois compartilhava, enquanto observadora participante, de uma das regras básicas do grupo que é a mentira, o falseamento e o mascaramento de identidades, ou melhor, a migração de identidades.

Trata-se aqui, claramente, de um tipo de migração com baixo risco, diferentemente daquelas analisadas por outros estudos, principalmente aqueles relativos ao campo étnico, que apontam para as experiências de conflito e de alto risco que operam ao interior dos processos migratórios.

Procurando preservar a identidade assumida pelos usuários durante as interações estabelecidas em campo, foram alterados os nomes, os números de telefone e os nomes mencionados.

O conjunto das histórias apresentados neste estudo, acredito, é representativo das muitas histórias que me foram narradas em relação ao Disque Amizade de Florianópolis e, muito embora limitadas pelo contexto em que foi desenvolvida a pesquisa, oferecem pistas que considero significativas para o entendimento de uma pequena malha da vida social local.

O resultado e a forma final de apresentar as narrativas assemelham-se à crônicas cotidianas, buscando, assim, penetrar no universo pesquisado mais pela descrição literária dos fatos, reservando a perspectiva analítica e interpretativa a outros espaços no processo dissertativo. Busquei, através

deste tipo de texto, permanecer fiel às histórias e ao contexto em que foram narradas, procurando, desta forma, recriar o ambiente em que foram produzidas.

I. COM QUEM EU ESTOU FALANDO?

1.1. Descobrimo e construindo o objeto

O meu interesse específico em estudar o "Disque Amizade" de Florianópolis iniciou no inverno de 1990, quando eu e mais um grupo de amigos, reunidos em meu apartamento, num sábado chuvoso e frio, resolvemos não ir a bares ou cinema e buscávamos, mesmo assim, uma alternativa de lazer. Decidimos que continuaríamos em casa conversando e rindo de nós mesmos.

Enquanto a conversa avançava, uma amiga propôs que ligássemos para o "145". Até então jamais havia ligado e tampouco sabia do que se tratava. A princípio, ria do teatro que faziam ao telefone. Criavam personagens, faziam performances, camuflavam suas vozes e travestiam suas próprias realidades. Apenas ouvia, até o momento em que comecei a participar timidamente da brincadeira que nos preenchia o tempo naquele sábado chuvoso e frio.

Observava, no entanto, que as identidades eram construídas sem um projeto pré-determinado, sendo, portanto, resultado do tipo de interação específica construída naquele momento. Tratava-se de um número que colocava o participante em contato com outros, em um tipo de interação aparentemente caótica, onde telefones particulares frequentemente

eram trocados, objetivando, deste modo, a continuidade da conversação sem interferência e pressões do grupo.

A partir de então, aquele número suscitou-me algumas questões e, numa tentativa de refletir sobre aquelas experiências, descobrir as regras que envolviam tais interações, realizei uma breve pesquisa de caráter exploratório, pretendendo verificar suas potencialidades, no sentido de transformá-las em objeto de pesquisa.

Percebia também que a timidez estava sempre presente e, nestas primeiras investidas, apenas ouvia atentamente o que ocorria nos grupos e perguntava-me periodicamente sobre aquelas pessoas e as motivações que as levavam a ligar para aquele número. Posteriormente, através de breves alô e ensaiando algumas perguntas, inseria-me pouco o pouco naquele universo.

De estranho, aquele número passou a ser familiar. Aquelas vozes anônimas sem um corpo definido, a ausência da vigia do olhar, o reconhecimento do outro sem a precisão da imagem e de outros elementos suportes da fala, transformaram-se para mim em questionamentos recorrentes. Pouco a pouco eu vinha construindo a minha imagem sobre o "Disque Amizade" e explicitando algumas questões que considerava relevantes para o seu entendimento.

Muito embora houvesse identificado as suas possibilidades em termos de pesquisa tinha certo para mim, durante o ano de noventa e um,

que o tema da minha dissertação para o mestrado em Antropologia Social na UFSC seria um estudo do "Boi de Mamão" na Ilha de Santa Catarina.(1)

Enquanto saía a campo e organizava a literatura que embasasse a pesquisa sobre aquele ritual percebia, ao mesmo tempo, que o interesse pelo "Disque Amizade" se intensificava, revelando-se através de breves anotações e discussões com colegas sobre os experiências que me eram narradas pelos seus usuários e sobre o que ocorria nos vários grupos que eram formados no "145". Ríamos, muitas vezes, e inquietávamos-nos aquelas histórias mais extravagantes e indagava o respeito daqueles tipos de interações que eram construídos. Recebia já, neste momento, estímulos de alguns colegas de mestrado para transformar este tema em projeto de dissertação.

Chamou-me a atenção o relato de um usuário que me disse namorar com uma garata durante três anos apenas por telefone. Não era interesse de ambos, segundo ele, conhecerem-se pessoalmente pois a graça daquela relação eram a fantasia e as imagens que construíam um sobre o outro, e por um tipo de relação que não tinha as obrigações e os compromissos de um relacionamento caracterizado como tradicional ou convencional.

Encontrei ainda uma versão sobre uma estudante universitária que namorou durante um longo tempo, apenas por telefone, com um rapaz e, apaixonados um pelo outro, ao resolverem se conhecer descobriu que

ele era vigia. O usuário, ao narrar a história, afirmou que este fato causou impacto em relação à imagem que a estudante havia construído do namorado, mas que, ao final, o namoro resultou em casamento.

Inquietava-me a ausência de transparência, o anonimato e a opacidade nas relações que eram construídas em uma tentativa contínua de se escapar ao foco. Mudava-se o nome, a profissão, estado civil, camuflava-se a voz, entre outros elementos indicadores que pudessem localizar a endereço e a autoria exata daquelas vozes.

Uma transparência, ao mesmo tempo, que em muitos casos era revelada, considerando-se que permaneciam na voz alguns sinais identificadores de sua origem, como, por exemplo, o sotaque, o léxico, a desenvoltura ou não em relação a determinados assuntos, etc. Por outro lado, observava que as identidades migravam e se metamorfoseavam, fugindo totalmente a qualquer possibilidade de deciframento e classificação.

Observava também que, na passagem da linha pública para a privada, ocorriam mudanças significativas no processo interativo. Dados não revelados no primeiro momento da interação eram posteriormente desenvolvidos sugerindo, deste modo, que havia especificidades nas falas produzidas nos dois tipos de linha mencionados acima.

Estava diante de um tipo de interação diferente daquela do dia a dia em que uma série de sinais não-verbais, além de outras referências possíveis, como o conhecimento prévio do interlocutor, influenciam e deter-

minam o encontro.

Porém, foi a partir das reflexões de uma vivência pessoal que tive no "145", verão de 1992, que decidi optar pelo estudo do "Disque Amizade" e transformá-lo em objeto de minha pesquisa para o mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina. Até então observava o "outro" enquanto um exótico e distante, alvo apenas de minhas especulações acadêmicas. Mas, foi quando me tomei exótica que, finalmente, consegui perceber dimensões até então ocultas para mim enquanto observadora.

São vários os estudos (GROSSI, 1992; ZALUAR, 1985; ROSALDO, 1989 entre outros) que demonstram como as experiências pessoais do(a) pesquisador(a) influenciam a escolha e construção do objeto de pesquisa. Transformar naquele momento o exótico em familiar já não era uma tarefa difícil; porém, realizar agora o caminho inverso, envolvia de minha parte a construção de um distanciamento crítico rigoroso, trabalhado diariamente através de uma negociação contínua entre o "eu" e o "outro".

O "estranhamento" torna-se, neste sentido, um instrumento necessário e eficaz para facilitar a identificação de aspectos e questões que correriam o risco de passarem despercebidos ao olhar familiarizado do(a) pesquisador(a).

1.2. Proposta de Análise

É com o propósito de estudar o surgimento de uma nova forma de sociabilidade nas sociedades complexas que se insere esta pesquisa. Pretende-se, através da observação e das experiências narradas pelos usuários do "145", levantar e problematizar questões relativas a novos tipos de relações sociais, desejos (2) e representações que emergem nas sociedades contemporâneas.

Busco no conceito de "impulsão de sociedade" (Gesselligkeit) de Michel Maffesoli, movimento irreprimível do social que, segundo ele próprio coloca, "para se expressar usa, conforme a ocasião, o caminho real da política, do acontecimento histórico, ou a via subterrânea, mas não menos intensa, da vida banal" (MAFFESOLI, 1987, p.114), perceber as criações específicas do social.

Os personagens desse grande espetáculo somos nós que, de uma forma quase invisível, investimos na sua construção, onde cada gesto e cada fala parecem ter sido muito bem ensaiados. Interessa penetrar nos bastidores, perceber na musicalidade do espontâneo e nos sutilezas do banal como são construídas as falas e gestos dos personagens dessa grande peça. Em meu entendimento estão justamente aí, os elementos fundamentais ao se pretender uma "descrição espessa" (Ver Geertz e sua proposta

de descrição densa) do vida social, muito embora não seja este o objetivo deste estudo, dadas as especificidades do objeto e das relações construídos ao nível metodológico.

O enfoque que se propõe, diferentemente, ainda, daqueles sugeridos pelos estudos tradicionais que percebem e analisam o social, tomando como base a inserção dos indivíduos na estrutura produtiva, elege as práticas cotidianas em seus múltiplos movimentos e formas de expressão como um espaço privilegiado de construção e desconstrução do social.

Não se objetiva realizar uma apologia ou uma poética da banalidade ou do cotidiano, mas sim evidenciá-lo enquanto instância geradora e criativa da vida social. Não existe, em meu entendimento, um momento especial onde o social se intensifica, precipita e toma forma. No entanto, existem, diluídas no corpo social, zonas específicas de caráter virótico, porque contaminam o corpo indivíduo e o corpo coletivo, e de onde emergem realidades extra-discursivas, por vezes contraditórias e conflitantes, com ou sem uma finalidade produtiva. São territórios considerados marginais e desclassificados pelas narrativas oficiais. Trata-se dos canais subterrâneos que organizam e desorganizam o social.

O estudo de um desses canais levou-me com efeito, a compartilhar de algumas sugestões apontadas por Maffesoli: a de que existe uma "propensão ao reagrupamento" (MAFFESOLI, 1987, p.113) e que esse investimento na obra social não se origina necessariamente de um pers-

pectativa utilitarista e construtivista, podendo, conforme os circunstâncias, ocorrer subversões, transgressões a ordenamentos e regimes de verdades ou ainda o silêncio conformado ou não.

Busca-se através do estudo em profundidade de uma realidade específica perceber um nível de construção e desconstrução de uma pequena molho da vida social local e, ao mesmo tempo, a partir de sua análise, inscrevê-la num conjunto maior de transformações e mudanças que operam no interior das sociedades contemporâneas.

Caracterizo o "Disque Amizade" como um espaço em que se nega a transparência. Aqui o que importa é o nebuloso, o opaco, o anônimo, o falso, o mentiroso, o imaginário e, portanto, a ordem criativa. Finalmente, é um espaço de intensa socialização, onde personagens dos mais diversas origens trocam experiências, expectativas, falas que podem se esgotar em si mesmas, não remetendo necessariamente a algo que vá além do instante imediato. A interação desses vários elementos resulta numa trama que é tecida por corpos situados à distância, sem necessariamente ter a perspectiva de um projeto comum. O único projeto, visível em um primeiro momento, é o de se inserirem num mesmo espaço cênico.

1.3. Texto e Contexto

Concordo com Teresa Caldeiro quando afirma que "já vai longe

o tempo em que o antropólogo, depois de passar algum tempo junto a um grupo estranho, escrevia textos em que retratava a cultura como um todo... " (CALDEIRA, 1988, p.133). A rejeição a descrições de caráter holístico além de indagar os limites sobre o entendimento e a compreensão do outro, impõe questões significativas da relevância de interpretações parciais sobre a trajetória do pesquisador, no processo de produção do trabalho em campo e do texto etnográfico.

É nesse contexto, percebendo o antropólogo enquanto produtor de um discurso específico sobre o outro, produtor de discursividade (GEERTZ, 1989) e, percebendo a etnografia enquanto um conjunto de vários discursos simultâneos, sobrepostos, justapostos, e intertextuais, que realizei o etnografia do "Disque Amizade" de Florianópolis.

Dado que o próprio processo interativo verificado neste campo é marcado por relações de várias ordens (ou desordens) operei no interior dessa trama complexa e teci a minha própria alternativa de inserção no campo. Trata-se de um campo, ou terreno, pouco iluminado, cercado de sombras. Não estive preocupada em "conferir" tais realidades, verificando, por exemplo, a "verdadeira" origem de seus intérpretes. Não pretendo opor discursos consagrados como verdadeiros a outros tidos como falsos e mentirosos. "A priori", são todos falsos e verdadeiros simultaneamente, sem a pretensão de submetê-los a um determinado sistema de verdades.

É neste sentido que trato os usuários do "145" enquanto perso-

nagens, recuperando a idéia de atuação dramática. É neste aspecto, também, que justifico o fato de não ter considerado fundamental encontros face a face e ter priorizado as observações realizadas através do telefone: afinal, trata-se de um "objeto" que é sujeito de si mesmo, que será sempre nebuloso e opaco aos ouvidos e às imagens construídas pela pesquisadora.

Recuperei, ainda, algumas contribuições dos estudos sobre Gênero que permitem aguçar o debate sobre a influência da subjetividade no processo de conhecimento. A relevância desses estudos, acredito, extrapolam os limites dos estudos sobre gênero propriamente dito e nos oferecem subsídios significativos para se refletir a presença do antropólogo (a) em campo e a exposição de seus dados.

Aceito, neste sentido, o convite de Miriam Grossi de que "nós antropólogos e antropólogas, nos permitiíssemos compartilhar mais uns com os outros deste lado ainda "desconhecido" de nosso trabalho" (GROSSI, 1992, p. 11), referindo-se aos espaços em que se expressam nossos sentimentos e emoções, muitas vezes acusados enquanto "auto-exposição ridícula", secundarizados nos diários de campo e quase sempre nos corredores de congressos e comunicações acadêmicas. Importa-nos aqui contemplar e abstrair os "bastidores", acreditando que possivelmente estão aí respostas e soluções criativas para a elaboração de muitas questões de ordem teórica problematizadas atualmente.

É nesta perspectiva, igualmente, que pretendo problematizar a questão da utilização de métodos e técnicas antropológicas no estudo de sociedades complexas.

"Se, atualmente", conforme nos diz Oliven, "os antropólogos estão cada vez mais estudando sociedades urbano-industriais, este fenômeno ocorre justamente porque a antropologia dispõe de teorias e instrumentos próprios que podem contribuir significativamente para a compreensão do dinâmico deste tipo de sociedade" (1987, p.08).

O desafio proposto pelos estudos realizados em sociedades complexas, creio, vêm superando a possibilidade de se transpor simplesmente as experiências obtidos pelos estudos tradicionalmente realizados nas denominadas sociedades "simples". É na perspectiva de se realizar uma antropologia no cidade que caracterizo este estudo, pretendendo-se apontar para a possibilidade, de criação e desenvolvimento de novos campos de análise, recriando e inventando métodos, técnicas próprias e adequadas a essas novas realidades.

Notas:

(1) - Trata-se de uma manifestação popular, herança do processo de colonização luso-açoriana pouco estudada, que se mantém viva em várias localidades do interior da Ilha.

(2) - "O desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente no campo social. Não há eclosão de desejo, seja quí for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos".

Gilles Deleuze e Claire Parnet, Dialogues.

II. DE ONDE VOCÊ FALA?

Incursões teórico-metodológicas

2.1. Na Cidade

O estudo antropológico de sociedades complexas tem trazido à tona questões intrigantes de ordem teórico-metodológica para uma disciplina que se constituiu historicamente pelo estudo de sociedades consideradas "simples", caracterizadas por uma relativa homogeneidade. Não me detenho aqui nos avanços significativos dos estudos etnológicos que posteriormente problematizam a complexidade desses universos, impondo restrições às visões que apresentem essas sociedades enquanto "unidades realmente independentes e autocontidas" (VELHO, 1987). É também Gilberto Velho que, citando estudos como os de Malinowski, Leach, Evans-Pritchard, Boas, Lévi-Strauss entre outros, nos diz que:

"É evidente que depois de décadas de pesquisa etnológica vários autores já demonstravam como essa "naturalidade" do isolamento pode ser ilusório e como grupos aparentemente isolados podem fazer parte, de várias maneiras, de um sistema mais amplo em termos econômicos, políticos e culturais" (VELHO, 1987, p. 15).

Questões do tipo, conforme nos coloca, o que caracterizo as diferenças entre as "sociedades não-complexos" "e complexos", se há realmente um divisor que explicita e dê conta de suas especificidades, continuam a ser realizadas, o que não impede que, em função de diversas ênfases que são conferidas a essas diferenças, resultem em problematizações e soluções fecundas às questões propostas.

Neste estudo trata-se por sociedades complexas aquelas identificadas, por diversos autores, como resultantes do processo desencadeado pela Revolução Industrial que articulam no seu interior um processo crescente de heterogeneidade social, marcados pelo acelerado crescimento urbano, das forças produtivas, do consumo, pelo aumento da população e pelo acentuada divisão social do trabalho.

Aquele olhar que a antropologia produziu sobre o "outro", um outro distante, exótico, com regras sociais estranhas, muitas vezes consideradas bizarras, e que marcou decisivamente um tipo de objeto próprio da Antropologia, viu-se, posteriormente, profundamente mergulhado diante de novos dilemas quando este olhar se volta para o estudo de tipos novos de sociedades, onde "a grande metrópole contemporânea", segundo Velho, "tornar-se-ia exemplar de um modo de vida, locus, por excelência, das realizações e traços mais característicos desse tipo de sociedade" (idem, p. 17).

São vários, nesse sentido, os estudos que irão buscar detectar

as especificidades e heterogeneidades de um modo de vida característico da vida dessas sociedades e que, se não explodem radicalmente os campos analíticos tradicionais, demonstram efetivamente a urgência de tratamentos teórico-metodológicos adequados a essas novas realidades pesquisadas.

Por outro lado, se estão surgindo, como nos diz Oliven (1987), cada vez mais estudos antropológicos sobre os, ou melhor, nos cidades, é porque também a Antropologia vem cultivando e semeando aparatos e instrumentos próprios de análise que poderão contribuir significativamente para o entendimento da dinâmica dessas sociedades.

É importante que se destaque, conforme coloca Durham, que:

"esse tipo de investigação tem uma longa tradição na antropologia brasileira. E, desde o começo, trata-se menos de uma antropologia da cidade do que de uma antropologia na cidade. Isto é, não se desenvolveu no Brasil uma antropologia urbano propriamente, nos moldes em que foi iniciada pela Escola de Chicago, uma tentativa de compreender o fenômeno urbano em si mesmo. Ao contrário, trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia, mas voltadas para o estudo de populações que vivem nas cidades. A cidade é, portanto, antes o lugar do investimento do que seu objeto" (DURHAM, 1986, p. 19).

É Perlongher, ainda, que observa, ao procurar mostrar as poten-

cialidades da noção de territorialidade para o entendimento da circulação de corpos, afetos e paixões na cidade (1989), que chama atenção para o predomínio de trabalhos sobre a perspectiva das noções de grupo e comunidade, principalmente no Brasil, durante a década de sessenta. Trata-se para ele de "um transplante", "uma transferência" dos estudos e metodologias adotados pela Antropologia Indígena. A definição, segundo ele, em anos mais recentes, de uma "etnologia urbana", obrigatoriamente, remete à invenção de novas metodologias.

Esse novo olhar torna-se paradigmático, igualmente, quando aquilo que é familiar, pesquisadores urbanos pesquisando problemáticas urbanas, torna-se objeto de estudo. Está-se referindo aqui a um novo tipo de distância que é construída no sentido, como chama atenção DaMatta, de transformar "o exótico em familiar e o familiar em exótico" (1974).

A Antropologia notadamente se caracterizou por um mergulho profundo, pesquisa participante, e por técnicas que possibilitassem uma vivência profunda com o outro, um pôr-se no lugar do outro (VELHO, 1978, p. 37), objetivando detectar conteúdos que provavelmente não seriam reconhecidos através de uma observação superficial. Sem pretender me alongar sobre as questões que emergem dessas relações, processo que implica em transformar o exótico em familiar, cabe aqui enfatizar problemáticas oriundas do processo que implica em transformar o familiar em exótico

É Geertz que chama atenção para as especificidades da interpretação antropológica que será de caráter mais aproximativo do que definitivo, considerando-se as implicações da subjetividade no processo de construção do conhecimento (VELHO: 1978, p. 42). A realidade, seja ela exótica ou familiar, será nesse entendimento sempre filtrada pelo ponto de vista do pesquisador.

Porém, em se tratando de estudos de realidades familiares, Velho nos diz que nesses casos a análise envolve dificuldades diferentes:

"Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes visões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações" (1987, p. 131).

Refere-se aqui ao fato de que tal interpretação é mais uma versão e que esta concorrerá com outras existentes na própria sociedade pesquisada e com os próprios representantes daqueles universos investigados.

Ainda sobre a influência da subjetividade no processo de construção do conhecimento, as contribuições do debate sobre as relações de

gênero que, ao dar ênfase à experiência subjetiva no contato com o outro, chama a atenção para a identidade de gênero do outro e do pesquisador. São vários os autores que, nesse sentido, que empenham-se em enfatizar a importância que têm as especificidades de um olhar masculino e feminino na interpretação de uma determinada realidade pesquisada. Trata-se de olhares construídos historicamente e culturalmente, que revelam em seu interior representações particulares de mundo e modos de conhecer.

É importante ainda que se relativizem características estritas que inevitavelmente poderiam levar a acreditar na possibilidade de um olhar exclusivamente masculino e feminino. Na medida em que tais categorias não refletem mais as complexas representações sociais contemporâneas, não acredito que existam limites estreitos entre eles, definitivos em suas especificidades, mas que possivelmente se interpenetrem, gerando multiplicidades. Ao se referir ao gesto sensível e sedutor que é perceber e dialogar com o mundo, necessariamente haveríamos de relacionar tantos outros olhares, circunstanciáveis, decifráveis, invisíveis, marginais, que irrompem em devires constantes a cada momento de ruptura e construção do social. Tratam-se de olhares desejosos de novas falas e gestos sociais.

Mos, voltemos à cidade!

É na perspectiva de que coexistem nas cidades múltiplos proje-

tos que se interpenetram, contradizem-se, conflituam-se, convergem-se, invisíveis, explícitos ou não, que se insere esta pesquisa. Relativizam-se perspectivas de análise do fenômeno urbano que caracterizam as relações sociais próprias dos cidades, enfatizando o seu caráter segmentado e superficial nas relações pessoais identificadas mais por contratos secundários do que primários, apontando tais características enquanto elementos diferenciados de uma tradição de folk.

Preocupado em selecionar elementos do urbanismo que possibilitassem a identificação de um modo de vida distinto, Wirth chama a atenção para alguns desses aspectos diferenciadores:

"Os contatos da cidade podem na verdade ser face a face mas são, não obstante, impessoais, superficiais, transitórios e segmentários. A reserva, a indiferença e o ar "blasé" que os habitantes da cidade manifestam em suas relações podem, pois, ser encaradas como instrumentos para se imunizarem contra exigências pessoais e expectativas de outros" (1973, p. 101).

Diferentemente, têm surgido diversos estudos apontando que, muito ao contrário de um crescente individualismo e impessoalidade dos grupos urbanos, surgem no meio urbano redes de relação com traços fortes de solidariedade na vida de diferentes camadas sociais. "Cumprir estar atento", diz Velho e Machado "e perceber situações sociais, formas de interação, sociabilidade, etc que encontrem plena expressão nas cidades". Acreditam os autores, "que diferentes práticas sociais têm possibilidade de

gerar diferentes representações da realidade social, abrindo a possibilidade de serem distinguidas visões de mundo e estilo de vida particulares" (1977, p. 71-75). É percebendo igualmente a pluralidade e as imensas possibilidades do dado social, que Maffesoli diz:

"A cidade, em sua banalidade, é potencialmente rica em aventuras produzidas por suas inumeráveis ruas e lugares diversos, assim como o dado social em seu aspecto mais comum, através do jogo da diferença, pode provocar situações, encontros e momentos particularmente intensos" (1984, p. 27).

Este estudo pretende perceber através das experiências observadas e narrados pelos usuários do "Disque Amizade" de Florianópolis que tipos de relação e interação são construídas. Entendendo a troca enquanto elemento constitutivo da sociedade (MAFFESOLI, 1984, p. 37) e que esta não se dá sem conflitos, busca-se, no entendimento da pluralidade de falas, de identidades, de expressões, desejos e representações, perceber a construção de redes de relação e de uma rede das redes na cidade.

Rede das redes está sendo entendida aqui no sentido que Maffesoli confere ao termo, como sendo

"uma sequência de cruzamentos e de entrecruzamentos múltiplos. Os diversos elementos limitam-se entre si, formando, assim uma estrutura complexa". Continua: "Desse modo, a rede das redes não mais remeteria a um espaço onde os diversos elementos se adicionam, se justapõem, onde as atividades sociais se ordenam conforme uma lógica de separação, mas an-

tes um espaço onde tudo isso se conjuga, se multiplica, formando figuras caleidoscópicas de contornos cambiantes e diversificados" (1987, p. 206).

Está-se diante, na realidade, de vários projetos, nem sempre catalogáveis ou decifráveis. Trata-se de uma multiplicidade de vozes que povoam e carregam as linhas. Não é possível focá-las, pois sua eficácia está em justamente escapar às objetivas.

É deste modo que são percebidos os usuários do "Disque Amizade" de Florianópolis. Suas identidades têm um caráter migratório, e desenvolvem-se em um processo de reterritorialização contínua. Está-se tratando de um tipo de territorialidade nômade e itinerante.

Muito embora, como será visto mais adiante, o discurso identificatório seja acionado em uma tentativa de "fixar" o outro, articulando, assim, um projeto de identidade, observa-se que tal projeto desloca-se, desencadeando outros projetos. Nomes, idades, profissões, origem social, estado civil, auto-descrição, são referências permanentemente negociadas e construídas de acordo com o tipo de interação e expectativas de seus protagonistas no momento do encontro. As imagens, por outro lado, construídas pelo receptor destas informações, migram e deslocam-se de acordo com as representações e desejos construídos durante o processo interativo.

Trata-se de um "outro", que "pode desertar de seu papel a

qualquer momento, virar o casaca literalmente", diz Roinik, referindo-se, em sua incursão cartográfica pelo cidade, o um mundo "inteiramente des-territorializado", tecido por "sinais ambíguos" e "enganosos".

"É que seu corpo", continua, "como qualquer outro, não pára de conectar-se o novos agenciamentos, o que faz com que ele mergulhe numa novo lista de afetos e sentidos; e, dependendo do grau deste mergulho, ele pode virar ainda "outro", um completo desconhecido. Quando isso acontece - e acontece muito, o território que se estava constituindo desaba de repente" (ROLNIK: 1989, p. 105).

2.2 - Na Linha

Entendendo o "Disque Amizade" enquanto um facilitador e animador de interações sociais podendo se apresentar ora enquanto meio, ora enquanto fim, acredito, neste aspecto, que o sistema não se limita apenas às conversações estabelecidas quando este é acionado.

Subdividi então, para efeito de análise, o "Disque Amizade" de Florianópolis em duas linhas: a pública e a privada. É na linha pública que ocorrem os encontros que envolvem até cinco participantes, e onde os indivíduos acionam o sistema, iniciando as interações que podem ou não resultar em conversações nas linhas particulares, ou, conforme denomino, linha privada. Este processo se dá quando um dos participantes, interessado em prosseguir a conversação, solicita ou cede o seu número particular do telefone.

O que chama a atenção quando se depara com algumas experi-

ências ocorridas na linha pública do "145" é que se está diante de um raro tipo de encontro em que estão interagindo indivíduos das mais diversas origens sociais, faixa etária, sexo, visões de mundo e com as mais diversas expectativas em relação ao encontro.

Está-se referindo a um determinado grupo social originário de "comunidades" de falias (1) diversificados e heterogêneas, que, se reúnem formando uma novo "comunidade" de fala também heterogênea e extremamente complexa podendo apresentar-se, em um primeiro momento, como caótica e desorganizado, repleto de sobreposições de vozes, simultaneidades de falas e interrupções constantes.

É no perspectiva de perceber a conversação enquanto uma prática fundamental no processo das relações sociais, "gênero básico da interação humana" (LEVINSON, 1983, p. 284) e entendendo-a enquanto um fenômeno organizado, não aleatório e locus privilegiado onde está representado de forma significativa o contexto cultural em que ocorre, podendo ser descrita e interpretada, que se buscam perceber as regras que a compõem no "145".

A análise das conversações estabelecidas no "Disque Amizade" e seu complexo interativo dará ênfase, contudo, à construção de um novo tipo de sociabilidade na cidade, onde o telefone é o meio utilizado para a promoção destes encontros.

A transcrição das conversações em uma interação que não se dá

face a face e sua análise, colocou-me diante de problemas onde a intuição do ouvido da pesquisadora tornou-se realmente uma solução para a resolução de determinados problemas que, provavelmente, não existiriam em uma interação face a face. Concordo com Marcuschi (1986, p. 09) que não existe a melhor transcrição, importando, isto sim, que o pesquisador tenha claro os seus objetivos, não deixando de assinalar aquilo que lhe convém.

Salientam-se aqui as contribuições oriundas da sociolinguística (2) e seus avanços no estudo da conversação, e que chamam a atenção para os vários aspectos que envolvem o fenômeno, muito embora não fosse interesse, neste momento da pesquisa, realizar análises intensivas da estrutura das falas, que, por sua vez, implicariam em outros procedimentos analíticos e metodológicos.

Muito embora não se estabeleça a presença física entre os falantes, entendo que existe a influência recíproca entre os indivíduos tal como Goffman define o que seja interação, ou encontro, quando analisa o conjunto de expressões emitidas por um indivíduo em presença física de outros (1989).

Mesmo que o autor restrinja sua análise a encontros face a face, recuperamos sua perspectiva, que percebe o social a partir de um ponto de vista dramático. O social se apresenta igual a uma grande peça, onde interagem personagens que representam diversos papéis. Goffman chama especial atenção para um tipo específico de comunicação, que

são as expressões emitidas pelo ator frente a outros que são de ordem mais teatral e contextual, e que incluem um vasto repertório de ações e práticas, "... quer esta comunicação seja arquitetada propositadamente quer não". (1989, p. 14).

Goffman está, na realidade, preocupado com o jogo de informações que se estabelecem nas interações sociais e com o processo de manipulação, encobrimento e descobrimento de símbolos, com as simetrias e assimetrias construídas durante o processo comunicativo. Trata-se, neste sentido, dos aspectos dramaturgicamente que são acionados objetivando o "desempenho" de certas ações. Define desempenho como "toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes" (idem, p. 23). Preocupa-se, deste modo, com a convicção que o indivíduo tem ao desempenhar determinado papel, e a impressão de realidade que pretende transmitir ao(s) observador(es). Em um nível, Goffman nos diz, o ator pode encontrar-se completamente concentrado e empenhado no movimento (quando ele acredita na ação que está desempenhando, chama-se "sincero") e em outro nível pode-se encontrá-lo não completamente concentrado (chama-se "cínico").

O anonimato, característica fundamental, em um primeiro momento, é por mim entendido enquanto elemento facilitador desse processo de representação, que confere aos participantes a possibilidade de troca e

mudança de papéis de uma forma mais intensa e contínua, acredito, do que em relações face a face. A única exigência que Goffman aponta é que o indivíduo aprenda um certo número de formas de expressão, capacitando-o, deste modo, a dirigir mais ou menos qualquer papel que lhe seja solicitado em uma determinada ocasião. Concordo também com o autor que parte da perspectiva de que "todos nós representamos melhor do que sabemos fazê-lo" (1989, p. 73).

Notas:

- (1) - Entendendo-se por "comunidade" de fala uma dada unidade social que divide um mesmo conjunto de regras e a mesma interpretação da fala (BUXÓ, 1983). As aspas adotadas por mim procuram garantir à noção de comunidade o idéia de diversidade e multiplicidades.
- (2) - Com relação aos avanços que a linguística tem realizado nos últimos quinze anos, é importante que se destaque que atualmente importa examinar todos os aspectos que envolvem a interação verbal e não apenas aqueles enfatizados pelos estudos tradicionais que enfocavam somente os aspectos lexicais, gramaticais e fonéticos. Está-se, aqui, pretendendo se fazer referência à base social e o contexto que se dá ao processo interativo (COULTHARD, 1991).

É diante desta perspectiva que o Antropologia Cultural enfatiza a importância que têm os estudos da língua para a compreensão do comportamento cultural. A Antropologia Linguística surge dentro deste contexto e é Hymes que diz que a Antropologia tem muito ainda a contribuir para o fortalecimento de seus vínculos com a linguística, considerando que o papel da fala em ambas é extremamente importante. É Hymes, também, que, buscando estimular o desenvolvimento de estudos na área, confere uma especial atenção à etnografia da fala enquanto um campo fértil para o aprofundamento de estudos do comportamento linguístico, seus contextos e usos, seus padrões e funções (HYMES, 1974).

III. O QUE VOCÊ FAZ?

A PESQUISA

Objetivando coletar dados que fossem representativos do conjunto das interações que ocorrem no "145", foram realizadas entrevistas e observações de caráter prolongado dos grupos, cobrindo-se todos os dias da semana em diversos horários durante o primeiro semestre de mil novecentos e noventa e três, muito embora eu já contasse com anotações previamente realizadas, de caráter exploratório, anteriores a este período. Em média dedicava de uma a duas horas na escuta do telefone para realizar as observações, podendo estendê-las quando realizava os entrevistas.

É difícil, neste sentido, precisar a quantidade de impulsos que foram gastos durante todo o processo de investigação. Sobe-se, porém, que foram muitos. Com exceção de uma única entrevista, com uma mulher que preferiu conceder a entrevista pessoalmente e com exceção daquelas realizadas nas instalações do "Disque Amizade", com o seu representante em Santa Catarina e com os monitores, cujo objetivo era acompanhar o processo de monitorização e descrever seu dia a dia, todas as demais observações e levantamento de dados foram realizados através do telefone.

Caracterizo, ainda, esse tipo de observação enquanto direta, diferentemente de TORRES (1994, p.06) em seu estudo do Disqueamizade de Campinas e Maringá, que, ao se dar conta da ausência de visibilidade dos corpos entre os usuários e entre a pesquisadora, afirma a impossibilidade deste tipo de observação. Compreendo, deste modo, que são construídas, dadas as características do fenômeno, outras e distintas formas de visibilidade que atuam ao nível do imaginário, e que não impossibilitam a viabilização de observação direta. Relativiza-se, assim, a idéia de Torres de uma interação "no escuro" (idem, p. 97).

Boa parte das entrevistas foram gravadas com o auxílio de um pequeno equipamento chamado "Remote Device", frequentemente utilizado por detetives e agentes de polícia, ligado à saída do telefone e ao microfone de um gravador.

Quanto às entrevistas realizadas na linha privada, era solicitada a permissão para serem gravadas e percebia que a "invisibilidade" do gravador não alterava o desenvolvimento da interação. Isso porque muitos dos entrevistados, a grande maioria homens, tinham dúvidas de que eu realmente fosse uma pesquisadora.

Muitos acreditavam que se tratava de mais uma estratégia discursiva utilizada por uma mulher para iniciar uma aproximação. Perguntas do tipo: "*Você está mesmo fazendo uma pesquisa?*", "*O que você vai fazer no final de semana?*", "*Como você é?*" e "*Você é casada?*", realizadas com

frequência durante a entrevista, remetiam a uma série de desconfianças e dúvidas em relação ao meu papel. Neste sentido, havia suspeitas de que houvesse realmente um gravador registrando e mediando a interação.

Diferentemente do que ocorre com frequência em entrevistas com interação face a face, quando muitas vezes tal instrumento se torna um obstáculo e interfere decisivamente no processo de coleta de dados, nesta pesquisa, dados as suas especificidades, não houve nenhum tipo de problema com respeito à sua utilização.

Outra técnica utilizada para chegar aos entrevistados e entender as especificidades da linha pública e da linha privada, foi a que denomino fala participante. Usando nome fictício, alterando idade, estado civil, profissão e, muitas vezes, afirmando ser o queia o primeira vez que ligava para o "145", conversava longamente com meus interlocutores na linha privada. Utilizava, na realidade, uma estratégia discursiva bastante comum no "Disque Amizade", que é o mascaramento de identidades, construindo-as de acordo com o desenvolvimento da interação. Não me sentia, deste modo, ferindo qualquer código de ética que diga que o pesquisador tenha que se identificar como tal diante do "objeto" de investigação, na medida em que compartilho de uma das regras do grupo, onde a mentira e o falseamento de identidades é uma atitude comum e plenamente aceita pelos usuários do sistema.

Desempenhava papéis que se articulavam de modo a apresentar

uma coerência e uma lógica interna onde eu mesma vivenciava processos de desterritorialização, o anonimato e a ausência de transparência. Observava, no entanto, os limites deste anonimato, na medida em que determinados sinais e indicadores permaneciam vinculados a um projeto anterior de identidade, como por exemplo: o léxico, visões de mundo, sotaque, tipo de voz, entre outros. A utilização desta estratégia oferecia-me, neste sentido, condição de compreender o significado daquilo que eu vinha identificando como migração de identidades e fugas a processos de objetivação e foco.

Meus entrevistados, em sua grande maioria, foram homens, pois são raras as situações encontradas no "145" em que mulheres forneçam seu número particular para outras mulheres. Quando duas mulheres ou dois homens conversam durante algum tempo no "145", observei que existe uma forte pressão dos demais participantes do grupo em acusar a relação de homoerótico, interferindo drasticamente através de observações de caráter pejorativo, carregadas de preconceitos, que podem conduzir à interrupção e colapso da conversação.

É importante, contudo, saliente-se, desde já, que encontros homossexuais são possíveis e, como veremos mais adiante, são criadas estratégias discursivas justamente com o propósito de os participantes trocarem seus números particulares de telefone para escapar dos famosos trotes e das pressões do grupo. Quanto aos trotes, foram vários os depol-

mentos que remetiam a certos cuidados ao se pretender *"passar o número"*. *"Alguém pode pegar o número e depois ficar te incomodando. Isso já aconteceu comigo e é muito chato"*, disse-me um usuário.

Em relação ao registro das conversas que ocorrem na linha pública do "145", não foi solicitada permissão de seus interlocutores para que fossem realizadas as gravações pois, conforme era observado, os indivíduos "entram" e "soem" da linha intensa e continuamente.

Uma das características das conversações estabelecidas na linha pública do "145" em Florianópolis é, inclusive, a brevidade com a qual elas ocorrem. São raras as conversações de caráter prolongado, tais como aquelas verificadas por Torres em seu estudo do Disqueamizade de Campinas e Maringá. Acredito que a intervenção da pesquisadora neste momento interferiria na espontaneidade do evento.

Diferentemente de Torres, optei por não marcar encontros com usuários do "145" e realizar interações face a face, pretendendo deste modo conferir ou confirmar as versões construídas no "145", opondo, assim, discursos consagrados como verdadeiros e outros tidos como falsos e mentirosos. Importou-me, isto sim, refletir sobre uma via no social em que o sujeito experimenta o nebuloso, o opaco, o falso, o mentiroso, o verdadeiro, sem impor limites decisivos e rígidos entre esses tipos de discurso. Neste sentido, creio, abordamos de forma diferente o mesmo fenômeno e que resultou em diferentes estratégias metodológicas. Acredito, deste mo-

do, que a presença física do outro, não me asseguraria, igualmente, uma compreensão objetiva a seu respeito, entendendo-o antes enquanto uma preso sempre esquivo.

Está-se, desta forma, diante de quatro tipos de evento interacional utilizados durante o processo de coleta de dados:

1. Escuta silenciosa: Foram observadas e gravadas as falas produzidas no "145" sem o estímulo e interferência do pesquisadora. Este tipo de observação, frequentemente utilizado na linha pública, caracterizou-se, conforme o próprio nome indica, em um tipo de participação praticamente "invisível".
2. Fala participante: São falas onde o pesquisadora intervém no evento, assumindo o papel do "outro" utilizando o anonimato e camuflando seu papel de observadora.
3. Falas estimuladas: São falas não espontâneas, onde o pesquisadora interfere na interação, assumindo em um primeiro momento a postura de participante, mas que posteriormente assume a posição de pesquisadora. Esse tipo de fala foi empregado também quando pretendia acionar a linha privada para a realização de entrevistas.

4. **Entrevistos:** São conversações, não espontânea e assimétrica, onde o entrevistador assume um certo poder sobre o controle dos tópicos discursivos abordados orientando, assim, o desenvolvimento da conversação. Foram realizadas entrevistas do tipo orientada mas, aberto permitindo ao entrevistado participar do processo de construção do conversação.

É importante observar que esses diferentes tipos de interação se articulam, podendo um derivar em outro, dependendo fundamentalmente da maneira como se desenvolvem os relações em campo.

IV. COMO VOCÊ É?

4.1. "Disque Amizade", uma descrição geral

Quando surgiu a oportunidade de conhecer as instalações do "Disque Amizade" em Florianópolis, acompanhar o processo de monitorização e conhecer a história de sua concepção e implantação, esperava encontrar uma grande sala com várias mesas, luzes de diversas cores piscando e acendendo, e várias pessoas com fones de ouvido conectando e desconectando juntores. A primeira imagem que me vinha, provavelmente influenciada por filmes de ficção científica, era de um ambiente extremamente sofisticado. A idéia era de que, por trás daquelas relações complexas a que me propunha analisar, vozes sem um corpo definido encontrando-se em espaços imaginários, estaria por trás, igualmente, um ambiente tecnicamente complexo.

A entrevista com o representante do "Disque Amizade" em Santa Catarina, S. A. Murthy, foi realizada nas próprias instalações do sistema em Florianópolis, localizadas no centro da cidade nas dependências da TELESC. Numa pequena sala, provavelmente de uns daze metros quadrados, e em uma pequena mesa, distribuem-se as cento e vinte linhas divididas em vinte e quatro grupos (um grupo consiste em cinco linhas),

controlada apenas por uma monitora. Via, finalmente, os luzes que indicavam a movimentação e o tráfego dos pessoas, encontrando-se e desencontrando-se.

Percebia, já naquele momento, que a partir dos vinte horas eram abertos novos juntores, o que indicava o aumento do fluxo e movimento nas linhas. Isso confirmava os observações realizados em casa, de que o partir daquele horário o movimento se intensificava.

Quando o entrevista iniciou, por volta das dezenove horas, poucas linhas funcionavam e, deste modo, para facilitar o encontro entre os pessoas, somente alguns grupos estavam ativados. Com o aumento da demanda, chegam o ser ativados praticamente todos os grupos, podendo ocorrer a lotação dos cento e vinte linhas. "*Geralmente depois das vinte horas a mesa de controle está totalmente ocupada*", observavo S. A. Murthy, apontando para o painel à nossa frente.

4.2. Uma breve história

O "Disque Amizade", ou simplesmente cento e quarenta e cinco, como é frequentemente denominado pelos seus usuários, é um serviço oferecido pela TELESC, que funciona diariamente em período integral. No realidade, a TELESC é apenas a empresa operadora do sistema que, em Santa Catarina, pertence à empresa "Disque Amizade do Brasil Ltda.",

com sede no Rio de Janeiro, e com representação em várias regiões do país. No sul a representação é feita pela RECETI Telecomunicações, em Curitiba, sendo que cada estado tem a sua própria representação, com níveis de autonomia para construir e encaminhar projetos específicos adequados a cada região. São projetos que visam ou ampliar o sistema, ou até sofisticá-lo.

O sistema está registrado no INPI com o nome "Disqueamizade", sob o número 099.598, desde abril de 1980, e são empresas do mesmo grupo a "Disquepiada Produções Artísticas Ltda." e o "Dlol-A-Friend of America Incorporation", de Nova Iorque. Assim como em Santa Catarina é contratada a TELESC para operar o sistema, é realizado também, nos demais estados em que está implantado, o contrato com uma empresa concessionária para realizar o trabalho tais como a TELEAMAZON, TELAIMA, TELERON, TELMA,, TELEPISA, TELECEARÁ, TELESP, CPT, CO-TELPA, TELESERGIPE, TELEBRASÍLIA, TELEPAR, TELEGOIÁS, TELMIG, SERCOMPEL, atendendo, deste modo, boa parte do território nacional.

"Vender um conceito novo no Brasil e, principalmente, para estrangeiros é difícil", diz S. A. Murthy, referindo-se à época em que Luiz Carlos Bravo, um jornalista carioca, patenteou a invenção e pretendia comercializar a idéia.

Tudo começou em Londrina, Paraná, em 1977, quando Bravo ob-

servou que muitos usuários, em função de um defeito no tronco telefônico continuavam conversando entre si. Percebendo as potencialidades daquele aparente caos gerado por ligações múltiplas, concebeu o sistema que foi denominado tecnicamente de "Sistema de Interligação Múltipla". A invenção, com estas características, é, assim *"genuinamente brasileira"*, salienta Murthy.

Inicialmente implantado, e com grande sucesso, em Londrina, sendo o sistema estendido em poucos anos, até 1993, a outras cinquenta e duas cidades brasileiras e exportado para países como Inglaterra, Estados Unidos, Suécia, Chile, Venezuela, entre outros.

Santa Catarina, *"um estado praticamente pioneiro"*, afirma Murthy, com relação à implantação do sistema, iniciou o processo em 1984 e conta hoje com o sistema implantado em nove municípios: Florianópolis com cento e vinte linhas, Joinville com quarenta, Blumenau com cinquenta e os demais municípios, Criciúma, Tubarão, Lages, Chapecó, Camboriú e Itajaí - estas duas últimas possuem uma mesma mesa de controle - com vinte e cinco ou trinta linhas.

Em Florianópolis, Lages e Blumenau, o sistema está funcionando durante vinte e quatro horas desde setembro de 1992, e há projetos de que outros municípios venham a ser beneficiados do mesmo modo, bem como, se planeja a expansão das linhas, atualização e ampliação dos serviços oferecidos pelo sistema. A substituição dos equipamentos atuais

por equipamentos de última geração com mesa digital é um entre outros projetos que, segundo Murthy, começam a ser estudados para aperfeiçoar o sistema no estado de Santa Catarina. Do mesmo modo está sendo iniciado estudo sobre a possibilidade de se oferecerem outros tipos de projetos na área de ligações múltiplas, com objetivos distintos do "145".

4.3. A monitorização

Considerado o serviço mais solicitado da TELESC em Florianópolis, observa-se que as possibilidades de interação que proporciona vão além, atualmente, dos interesses propostos quando o sistema foi concebido e instalado, que é, conforme o próprio nome indica, realizar amizades, pretendendo-se conferir um padrão de conversa às ligações. Esse padrão, ou modelo de conversação ideal, segundo os pressupostos da empresa e a concepção do sistema, é regulado por mecanismos de controle acionados através de um sistema de monitorização que, dados as circunstâncias, interrompe a ligação ou desloca a pessoa para uma conversa em particular em outro canal, com uma monitora.

O processo de monitorização, segundo Murthy, cobre três funções básicas que são: primeiro, a monitora ao perceber que há apenas uma pessoa na linha, faz-lhe companhia, orientando-a sobre a função do serviço e atraindo-a para permanecer no sistema. Quando outro usuário pessoa entra para o grupo, pede licença e retira-se, sem necessidade de identificar-se como monitora. Segundo, através da mesa de controle, tem-

-se acesso a todas as conversas dos grupos, e se houver alguém ultrapassando os limites de uma "boa conversa", normalmente se isola esta pessoa e ela é orientada, em uma linha particular, sobre a necessidade de se manter um certo "nível" na conversa. Dependendo do caso, a monitora simplesmente "derruba-a" da linha. "Derrubar" é uma expressão utilizada constantemente pelas monitoras, e significa bloquear a ligação. A terceira função da monitoria é acompanhar a movimentação e o fluxo nas linhas nos vários horários. O objetivo é facilitar o encontro entre as pessoas, desligando-se e ligando-se os juntores de acordo com a demanda. Realizam-se deste modo, registros de meia em meia hora da ocupação dos juntores.

Em horários de pico na demanda, praticamente todos os grupos estão ativados, enquanto que nos horários de menor movimento apenas alguns grupos estão funcionando. Isto quer dizer que cento e vinte pessoas podem acessar o sistema ao mesmo tempo e "cair" em um grupo aleatoriamente. Essa característica, que é o fator aleatório, impede, por exemplo, que o usuário possa optar por um grupo específico ou marcar encontro através do "Disque Amizade". Neste caso, quanto maior o número de grupos abertos, menor é a possibilidade de marcar encontros ou de reencontrar um usuário em determinado grupo. O processo interativo é, neste sentido, definido pelo acaso, o que gera uma diversidade significativa entre os vários grupos que são formados.

Vários foram os depoimentos, porém, quando solicitava informações aos usuários sobre o funcionamento do "145", que afirmavam ser possível o encontro marcado. Bastava, para isto, discar "1-4-5-1", "1-4-5-2" e assim sucessivamente até "1-4-5-9", sugerindo, desta forma, a idéia de grupos que pudessem ser formados intencionalmente. "Não se sabe ao certo como surgiu esta idéia", disse-me uma monitora, "*provavelmente houve coincidência e esta informação foi passada adiante*", concluiu. Em relação à monitorização, o desconhecimento é maior.

"A pessoa que tá lá fora não sabe", diz uma monitora. "É um serviço estritamente sigiloso e como não é divulgado as pessoas nem acreditam que existe. Quando acontece um caso, e isso é comum, de as pessoas estarem tendo um papo legal, de conversarem até coisa íntima, então, muitas vezes até se perguntam sobre um meio de outras pessoas não ficarem escutando o que elas estão conversando. Tem pessoas até que dizem, deve ser um milagre, um anjo do céu atendeu a gente", diz referindo-se à reação de alguns usuários quando os seus desejos são atendidos.

Em vários momentos, indagando aos usuários sobre os aspectos técnicos e o funcionamento interno do "Disque Amizade" em Florianópolis, ficou-me a impressão de que o conhecimento a respeito desses dados é irrelevante. As informações a esse respeito são muito vagas, extraídas de algumas poucas matérias que foram publicadas sobre o assunto nos jornais locais ou obtidas, principalmente, através de algum tipo de contato feito com a monitoria. Parece, deste modo, que o segredo e o mistério fa-

zem parte desse jogo de relações, onde é muito mais romântico atribuir a uma interferência divina um tipo de intervenção que foi estrategicamente elaborada e tecnicamente viável.

Conversando, mais recentemente com uma das monitoras, disse-me ela que, com a chegada de uma mesa de controle nova, a ser instalada brevemente em Florianópolis, o usuário será informado sobre a existência de monitorização, e terá acesso a ela através do discagem de um outro número que o colocará em contato direto com a monitoria.

Na descrição do funcionamento do "Disque Amizade" de Maringá, Torres cita esse mecanismo de acesso à monitorização e plenamente difundido entre os usuários do sistema (TORRES, 1992, p. 202).

4.4. O dia a dia das monitoras

Durante o período em que foi realizada a pesquisa nas instalações do "Disque Amizade" de Florianópolis, maio e junho de mil novecentos e noventa e três, havia quatro monitoras no trabalho de monitorização: duas que se revezavam no período da noite, das dezoito às vinte e três e quarenta e cinco minutos; uma para o período matutino, das sete às treze horas, e outra para o período vespertino. Nos demais horários não ocorre monitorização; são denominados "*horário livre*", e permite, segundo S. A. Murthy, a livre expressão e comunicação entre os usuários. Já houve,

há anos atrás, a presença de monitores homens, porém, atualmente a função é exercida apenas por mulheres (1).

Todas receberam uma orientação prévia e, numa espécie de estágio com as colegas mais antigas antes de atuarem sozinhas, foram treinadas em relação ao manuseio da mesa e orientadas sobre a necessidade de um controle rigoroso sobre o tipo de conversação permitido nos períodos em que ocorre monitorização.

Eliminar conversas de "*baixo nível*", "*baixarias*" e "*derrubar*" aqueles usuários que ultrapassam os limites de uma "*boa conversa*" é rotina no trabalho das monitoras. Elas são, neste aspecto, personagens fundamentais neste estudo, pois atuam como elemento regulador e organizador das falas que são articuladas no "145". Rastream-nos de minutos em minutos, de uma forma praticamente invisível e interferem decisiva e significativamente nas conversações e interações que ali se dão.

Enquanto uma monitora tentava localizar um "*velhão*" para tirá-lo do linha, pois estava "*perturbada*", conversamos sobre sua experiência e seu dia a dia no "145".

"Eles são tão chique", disse-me referindo-se aos usuários do "Disque Amizade". "Pobre não entra, não existe no "145". Todo mundo é engenheiro, tem casa de praia na Daniela, mora no Centro, Beira Mar ou Capoeiras. Só dá gente bonita, alta, ..."

e, cita-me, rindo, outros adjetivos e qualidades que geralmente são utilizados em uma auto-descrição que, possivelmente, venha garantir a continuidade da conversa e, quem sabe, um encontro, futuramente.

A entrevista prosseguia, enquanto vez ou outra era acionado um juntor de um grupo qualquer, que nos colocava em contato com uma conversa que se desenrolava. A monitora, sempre atenta às conversas, desligou, nesse ínterim, uma linha que estava sendo ocupada por uma criança que dizia palavrões para um adulto. Normalmente, disse-me, a partir de um determinado horário da noite, ela "*derruba*" as crianças do "145".

Observando outro diálogo afirmou categoricamente: "*Esse é casado*". Perguntei: "*Como você sabe?*". Disse-me que geralmente quando o homem é casado ele insiste para que a mulher lhe dê o seu número particular de telefone. Outra monitora disse-me também que é fácil saber se o homem é casado, pois comumente ele desvia alguns assuntos. "*Não é tão livre e solto na conversa. Nesse caso é porque ele é comprometido*".

Enquanto isso, em outro grupo que é acionado:

- "*Ah! Liga pra mim. Tô tão sozinho e triste*".

- "*Mas por que você está tão triste?*".

Aquele diálogo que estava iniciando parecia que ia longe, comentamos molliciosamente e provavelmente no linha particular de um dos interlocutores, possivelmente no linha do homem, já que geralmente, concordamos, é o homem quem fornece o número de seu telefone. "*As mulheres raramente o dão, e quando o fazem, muitas vezes é trofe. O homem desliga e elas continuam no grupo*".

Observa também que a troca de números de telefone é realizado quando há vários usuários presentes no grupo, de acordo com algumas estratégias, algumas já bastante conhecidas pelos frequentadores mais assíduos, e que objetivam "*passar o número*", disfarçada e dissimuladamente. Cita alguns, como por exemplo, o número da placa da carro, manequim, idades de alguns membros da família, número da caso, entre outras alternativas que vez ou outro são criados para escapar aos trotes ou impedir que um outro usuário "*pegue o número*" e ligue antecipando-se à pessoa à qual o número foi "*passado*".

Explicou-me, em seguida, o funcionamento e manejo da mesa de controle - como se isolar um juntor, como identificar qual o linha de determinado usuário, como desligá-lo, como ouvir todo o grupo e como entrar no grupo - que, ao que tudo indica é simples.

Para cada grupo há cinco jutores que, quando estão acesos, indicam a presença dos usuários, e cinco chaves imediatamente abaixo que correspondem a cada um deles com uma outra função. Acionando qual-

quer um dos juntores para cima, a monitora tem acesso a todas as conversas do grupo, podendo ouvi-los por telefone ou através de pequenas caixas de som posicionadas ao lado da mesa. Acionando cada um desses juntores para baixo, ela tem condições de localizar a participação individual de cada usuário no sistema. As chaves são acionadas, no caso, seja para bloquear "derrubar" o usuário ou para reintegrá-lo ao grupo. Há, ainda, condições, através da mesa de controle, de pôr em contato usuários que "caíram" em grupos diferentes.

Há casos, por exemplo, conta-me uma monitora, em que um usuário procura por uma determinada pessoa e não a encontra nos grupos, e quando é possível localizá-la, há condições técnicas de facilitar o encontro.

A monitora prossegue ouvindo as conversas em um espécie de vigia constante, cujo invisibilidade lhe confere um certo prazer / poder que me remete às instituições panópticas estudadas por Foucault.

Tal vigia é claramente demonstrada através de ouvidos treinados e mãos ágeis que "derrubam" aqueles usuários, consideradas "inconvenientes". *"Com alguns ainda dá pra conversar em uma linha particular, tem outros que não dá nem pra pensar em conversar e só derrubando mesmo"*, diz-me a monitora, identificando alguns casos.

Outra observação, realizada por uma delas, diz respeito ao fato

de que são geralmente homens os autores dos "baixarias" e que também são os homens que mais utilizam o sistema.

Segundo uma das monitoras, a sua presença na mesa de controle é tão importante que observaram o aumento de movimento quando alguns horários começam a ser monitorizados: "*Se o usuário liga o "145" e encontra uma conversa legal, ele liga novamente em outros dias, caso contrário ele não volta a ligar*", explicou-me. Para uma delas o controle e as formas de punição deveriam ir além da simples "derrubada" da linha, como por exemplo, impedir que o usuário voltasse a ligar novamente ou então que fossem criadas condições de se localizar o seu número de telefone.

"*Eu gosto desse tipo de voz*", comentou a respeito de uma voz masculino. Perguntei, "*Que voz é essa? Que imagem você constrói a respeito dela?*".

"*É uma voz sensual, atraente. É de uma pessoa mais madura. Deve ter trinta e quatro anos ou mais. Menos não*". Comentei: "*São tantos os tipos de vozes. Como você as classifica?*".

"*Eu gosto é dessa. Mas tem a voz melosa, vozes bem masculinas, tem aquela normal e tem aquelas bem nojentas*". Aos poucos ela localizava prá mim algumas delas, ao mesmo tempo em que "derrubava" outras. "*A primeira impressão que passa*", prosseguia, "*é quando a pessoa é analfabeta*" Mesmo admitindo o seu preconceito, identificava um "vigia", segundo ela, que entrava em um grupo. Comentava que não era à toa que

eram tão estigmatizados, pois *"muitas vezes só entram para avacalhar e, geralmente, são velhos"*.

O papel desempenhado pelas monitoras dá-se através de uma escuta silenciosa, anônima e praticamente *"invisível"*, não fossem alguns ruídos quase imperceptíveis que são identificados quando uma monitora *"entra"* no grupo. *"Tem gente que sabe que existe monitoria e percebe quando entramos, quer ver?"* e procura ensinar-me a localizá-la. É difícil, comentei, mas é possível saber quando vocês estão na linha. Há, parece, um chiado ao fundo e quando você sai, a ligação fica mais clara, disse a ela.

Do mesmo modo, *"derrubou-me"* da linha para verificar se eu sentia alguma diferença. Nesse caso, a diferença é marcante, pois o usuário realmente percebe que está só e em poucos segundos a sua ligação cai.

Voltando novamente à nossa escuta silenciosa, vez ou outra eram identificadas pela monitora vozes que ela denominava de *"conhecidas"*, pois tratava-se de frequentadores assíduos que, mesmo mudando o nome e a idade, tornavam-se inconfundíveis ao seu ouvido treinado.

A confusão é criada quando elas próprias elaboram imagens do outro e têm de admitir que erraram:

"Um dia eu imaginei a pessoa de um jeito e na realidade ele era totalmente diferente. Ele tinha uma daquelas vozes que

eu gosto, atraente. Então eu imaginei um homem alto e forte e ele era baixinho, cheinho. Achei que fosse bonito",

disse-me, revelando que ele era parecido com o cantor Wando.

Dizer que é boixinho, careca, gordo, segundo ela, são descrições raras que ocorrem no "145".

"Um trabalho divertido", caracterizou uma delas a sua função.

Muito embora a pequena sala não lhes ofereça muito conforto, é visível o prazer que elas demonstram em exercer essa tarefa que chegou a ser um *"descanso"*, comparado àquelas que desempenham em outras empresas, já que três delas exercem outras atividades.

Uma das monitoras, enquanto rastrela e acompanha as conversas que ocorrem no "145", aproveita o tempo disponível e faz uma boina de crochê para a sua filha. *"Faço trabalhos de crochê para vender"* e aponta para uma borboleta, toda confeccionada em crochê, que está pendurada na parede, e que tinha sido encomendada por outra monitora.

"Esse aí eu conheço", diz, referindo-se a um homem que, nesse meio tempo *"entra"* em um grupo. *"Eu acho que é o Flávio. Esse fica um tempão no "145". Ele é bem legal, consegue bastante amizade"*. Observamos que ele tem uma voz bonita e um *"bom papo"*. Segundo ela, ele sempre liga no mesmo período, à tarde. Silenciamos um pouco para escutar a conversa e:

- "Com quem eu tô falando?", perguntou a garota.

- "Com Flávio".

Olhamos uma para a outra e rimos, já que ela realmente havia identificado a autoria da voz. "Ele sempre entra com o mesmo nome" concluiu.

"Eu já estou acostumada com minha turma. É como se eu fosse uma professora e eles meus alunos", continuou, "e se entra alguém avacalhando, eu digo vamos maneirá na linguagem. Se ele não se tocar eu sô obrigada a tirá...A gente não pode dizer que é monitora, salvo algumas exceções, quando a gente tem que entrar e alertar e tem que fazer o possível prá dizer que não é monitora e quando faz, prá assustar, a gente até diz que tem meios prá conseguir o telefone e endereço".

Mas não são apenas as monitoras que conseguem identificar a autoria da voz. Uma delas, quando entra no grupo, criou três opções de nomes por considerá-los "bonitos", sendo que um deles para homenagear uma grande amiga.

"Eu sempre entro com três nomes, Morgana, Simone e Lia e algumas pessoas também conseguem me identificar pela voz. Tem gente que diz, não é a Morgana que tá falando? Não, eu digo, é a Lia, ou às vezes eu digo, é, é a Morgana".

"E quanto aos nomes", pergunto, "parece que se repetem no "145" né?". "Ah, sim! Dá muito Paulo, Marcelo, e agora dá muito também Marcos". Observávamos ainda que dificilmente alguém dá o nome de

Maria, Pedro entre outros pseudônimos possíveis.

Pede-me licença para contar o número de juntores que estão sendo ocupados, trabalho que é feito de meia em meio hora. Comenta que desde o início da monitorização, naquela tarde, a participação havia aumentado. *"Começou com dez pessoas, passou para nove, doze e, agora, às quinze horas, foi para quarenta e três"*. Era uma terça-feira e aquele número indicava uma demanda significativa no sistema, indicando que novos grupos teriam que ser liberados.

"Sexo? Ah, sim! Acontece também. Até esses dias teve uma semana, eu acho que era sempre a mesma pessoa. Ele entrava na linha daí tinha as meninas e então ele dizia assim, vamos fazer amor por telefone? Tinha umas que até topavam, né? A linha ficava cheia, só ouvindo. Não era aquela coisa assim de usar palavrão. Era até interessante a menina e o rapaz. Tinha horas que o cara entrava na linha e as meninas diziam, ô seu tarado. Depende então das pessoas. Tem umas que gostam daquele tipo de participação e outras que já não gostam. Se a linha tá cheia, todo mundo escutando numa boa, não tem como cortar. Faz parte. Eu acho que é até uma brincadeira saudável".

- "Alô!"

- "Alô!"

- "Não tem gata, né?"

- "É."

- "Alô!"

E silenciam. *"Quando não tem gata eles ficam tudo quietinho"*, observa. Aciona um outro grupo e *"derruba"* uma criança que estava na

linha passando o número da sua casa.

Em outro grupo entra um rapaz, arrota e começa a dizer alguns palavrões. A monitora entra para o grupo e imediatamente ele sai, fazendo-a acreditar que ele percebeu a sua entrada e saiu por conta própria.

"Tem gente que sabe quando a gente entra".

"Sabe o que mais me espanta?", disse-me, "quando homens trocam os números. Eu acho isso aí um absurdo. Isso aí acontece muito e são geralmente aqueles com voz bem masculinas. Quando não trocam os números marcam direto um encontro dizendo as roupas que vão levar. Depois são os mesmos que conversam numa boa com as gurias".

Em outro grupo a monitora procura identificar a linha que é ocupada por uma criança, é uma menina de *"uns sete anos no máximo"*, concluiu, para derrubá-la, pois:

"Tô em cima da cama. É de casal. Tô sozinha em casa..."

Aciona outro grupo e nos interessa uma conversa que possivelmente recém havia iniciado, entre um rapaz que dizia ter vinte e oito anos e uma mulher que dizia ter quarenta e oito anos. Acompanhamos o diálogo durante cerca de meia hora, juntamente com outros usuários que pareciam ouvir atentamente a conversa. Os dois conversavam sobre a diferença de idade que havia entre eles. O rapaz insistia que não tinha nada a ver, enquanto ela argumentava que aqueles vinte anos faziam muita diferença em

um relacionamento. Era "visível" para nós que os dois haviam se "ligado". Nesse meio tempo uma mulher pediu licença e interferiu na conversa procurando estimular o encontro entre eles, afirmando que podia ser interessante e que "idade é uma questão de cabeça". Debateram o assunto durante algum tempo e, procurando evitar que alguém atrapalhasse a conversa, a monitora esperou o debate entre os três ser concluído, e isolou o casal que, possivelmente, percebendo que estovam a sós no grupo, trocaram seus números particulares de telefone. O rapaz pediu que ela lhe ligasse em seguida para conversarem mais à vontade e saíram imediatamente da linha.

Sobre a abrangência do sistema que cobre cidades que têm o mesmo código de área, conforme já foi colocado anteriormente, uma das monitoras chama a atenção para o fato de que, muito embora a maioria dos usuários afirme estar ligando de Florianópolis, e se refiram à cidade com uma certa familiaridade, é necessário que se relativizem tais afirmações, pois muitos mentem, e é possível perceber principalmente através das condições técnicas da ligação. "*Quando a ligação é muito baixa e com pouca definição é porque, geralmente, a ligação não é local, é de mais longe*" afirma uma monitora.

Em relação ao trabalho desenvolvido pelas monitoras, embora recebam previamente orientações gerais sobre o que o sistema concebe como "*uma boa conversa*" ou "*conversa de nível*" e como atuar em deter-

minadas situações, observei, igualmente, que o controle e a vigilância contínua das interações que ocorrem no "145" baseia-se e organiza-se frequentemente por convicções pessoais e íntimas relativas à subjetividade de cada monitora e a sua identidade de gênero.

Isto fica claramente demonstrado quando, por exemplo, uma monitora, ao "*derrubar*" uma menina do grupo, pois interagiu com um adulto maliciosamente, fez referências, posteriormente, ao fato de ter filhos e não concordar com aquele tipo de interação. Do mesmo modo, observei que ocorrem posicionamentos e interferências diferenciadas com respeito a determinadas situações onde a criatividade e as soluções encontradas para a resolução de alguns problemas apontam para decisões de caráter individual.

Nota:

- (1) - Ver estudo de Lana Rakow sobre as relações da mulher com o telefone. Citada por Costa (1994, p. 162) a etnografia de Rakow chama atenção para as relações das mulheres com o telefone enquanto um trabalho associado ao gênero feminino, construído sócio-culturalmente e enquanto um "trabalho de gênero" cujo objetivo é disciplinar, manter e preservar a família e a comunidade, resultado das definições da sociedade no que diz respeito à "afinidade natural" das mulheres para o exercício destas funções.

V. VOCÊ QUER LIGAR PRÁ MIM?

5.1 - Circulação e distribuição de corpos e afetos na linha pública

Em um final de tarde de uma quinta-feira:

A: De onde você está falando? (Pausa) Jaqueline?

B: Alô.

A: Jaqueline? (Pausa) Jaqueline?

B: Alôôô!

A: Jaqueline?

B: Alô. (Pausa) Alô. (Pausa) Alô. (Pausa) Alô, Alô.

C: Alô.

D: Alô.

C: Quem tá falando?

D: Patrícia.

C: Quem? Cíntia?

D: Patrícia.

C: Patrícia? Tá tão ruim Patrícia, não tô te ouvindo nada.

D: Ué. Mas eu tô falando alto.

C: Tá falando alto? Eu também.

E: Abooô!

D: Hã?

E: Aiôôô!

D: Eu não quero falar contigo. Eu quero falar com o outro.

C: Com o outro, né? Sou eu, né?

D: Era contigo que eu tava falando, né?

C: Era. É que tava ruim a linha, né?

D: Hum, hum.

C: Patrícia, tá falando de onde?

D: Eu? Do Centro.

C: Do Centro?

D: Hã, hãm.

C: Que lugar do Centro?

D: Perto da Ponte.

C: Perto da Ponte?

F: Aiô?

C: Patrícia?

D: Hã?

C: Que idade você tem?

D: Dezessete.

C: Dezessete anos?

D: Hum, hum.

C: Novinha.

D: Por quê? Quantos anos tu tens?

C: Vinte e cinco.

D: Hã?

C: Tenho vinte e cinco.

D: Vinte e cinco? E qual é o teu nome?

C: Ricardo. Patrícia, o que você faz no sábado?

D: Sábado eu vou na discoteca?

C: Na discoteca?

D: É. Pode ser.

E: Pode ser? (Risos de "E" e de outros usuários que estavam no grupo)

D: É, pode ser?

C: Pode ser, não. Vais ou não vais?

D: Se quiser.

C: Se eu quiser?

D: É.

C: Se eu quiser? Então aonde é que a gente pode ir?

D: Na Metrô. Na New Time.

C: Pois é, queres que eu ligue prá ti?

D: Não.

C: Não? Por quê?

D: Porque não.

C: A gente podia... (Ruídos de pessoas saindo e entrando na linha)

F: Alô?

D: Ricardo?

C: Fala.

D: Sabe porque eu não ... (novamente ruídos)

F: Alô?

G: Ô gata?

D: Oi!

G: Vamo dá uma trepada? (Risos de todos, inclusive de Patrícia)

D: Deixa eu falar com o Ricardo.

G: Ricordão?

D: É. Ô Ricardo, fala.

G: Ricardo Gonorréiaaaa.

D: Dá licença, por favor. Deixa eu falar com o Ricardo.

G: Fala com o Ricardo, minha filha.

D: Ricardo?

G: Oi.

D: Ricardo?

C: Oi! (Risadas e tentativas através de ruídos feitos no telefone, batidas, possivelmente, para impedir que Ricardo falasse)

G: Ele morreu, ele morreu (Seguiu com imitações do Sílvio Santos). *Mas Lombardi Lombardi. Isto é impossível.*

D: Ricardooooô!

G: Oi querida.

D: Ricardo, eu vou te dar o meu telefone, tá? Ó, marca bem,

01.

C: 01.

D: 02.

C: 02.

D: Não é bem no Centro, é mais prá Coqueiros.

C: 0102.

D: Isso.

C: Tá certo.

D: Tá.

C: Tchou.

H: Aiôôô!

I: Aiô?

H: Quem fala?

I: É o João.

H: Tudo bom?

I: É.

H: Tudo jóia?

I: Tudo bem.

H: Tais falando de onde?

I: Do Centro.

H: Muito frio aí?

Um outro usuário, possivelmente "J", emite um som estridente, talvez imitando um pássaro.

I: É.

H: Qué falá comigo João?

K: Alô? (diz uma mulher)

"I" e "H" não retornaram. É importante que se diga que, com exceção de Patrícia e "K" todos os demais usuários eram homens.

Aparentemente um caos. Era essa, pelo menos, a impressão que tinha, inicialmente, quando comecei a pesquisar o "145" em Florianópolis. Falas simultâneas que se misturavam e se confundiam, conversações que se iniciavam e não necessariamente tinham continuidade.

Trata-se, na realidade, de uma observação difícil de ser realizada, pois, muito embora cinco pessoas possam participar de um mesmo grupo, não tinha certeza de quantas estavam participando em determina-

dos momentos, nem que fosse apenas pela escuta silenciosa, ou, ainda, identificar com precisão as entradas e saídas dos usuários no grupo. Por outro lado, era igualmente difícil precisar se a saída de um determinado usuário deu-se por vontade própria ou foi ocasionado pela interferência da monitora.

A idéia é que personagens motivados por diferentes expectativas, nem sempre objetivadas, e oriundos das mais diversas "comunidades" de fala, interagem construindo uma outra "comunidade".

A observação sistemática do fenômeno levou-me, com efeito, a perceber que os membros desta outra comunidade compartilham de algumas regras mínimas e constroem uma codificação própria. Nesta seção procura-se conferir uma certa visibilidade a estes personagens, através de uma caracterização e descrição das interações que ocorrem na linha pública do "145".

Muito embora se procure criar uma tipologia para classificar e traçar um perfil dos usuários do sistema, e as motivações que os levam a acioná-lo, é importante, desde já, relativizar esta tentativa de circunscrição pois, como veremos em seguida, os projetos de identidade migram, travestem-se, e adquirem expressões diversificadas.

São várias as tentativas de mapeamento que pretendem, neste aspecto, identificar o "outro", desde os que ocorrem no interior das relações que se dão no "145", seja na linha pública ou privada; há aquelas construí-

das por este estudo, que pretende conferir um certo grau de visibilidade ao fenômeno, e, ainda, aquelas formuladas pelos gerenciadores do próprio sistema.

Indagado sobre que tipo de pessoas utilizam o sistema nos vários dias e horários da semana, Murthy diz que tanto no período da manhã quanto da tarde predominam donas de casa, funcionários públicos, empregadas domésticas, crianças e à noite, principalmente após as dezenove horas, conta-se com uma participação expressiva de estudantes e trabalhadores noturnos. Aos sábados e domingos, principalmente no período matutino e vespertino, é acentuada a presença de crianças e adolescentes.

Outra tentativa de classificação foi a fornecida por um funcionário da TELESC, entrevistado por um jornal local, que diz que o público que se utiliza do serviço é formado por *"pessoas tímidas, pessoas que não gostam de sair de casa, viajantes, aposentados, idosos e deficientes físicos"* (O Estado, 31 de maio de 1992, caderno Domingo Magazine, p.07).

Por outro lado, conforme foi visto anteriormente, as tentativas de classificação formuladas pelas monitoras, possivelmente por conviverem mais sistemática e cotidianamente com as falas produzidas no "145", apontam, através de suas observações diárias, para um tipo de dinamismo que caracteriza as interações e chamam atenção, frequentemente, para a necessidade de se relativizar as identidades anunciadas no "145" bem como as imagens que são construídas a seu respeito.

A seguir são apresentados três tabelas produzidas pelo monitoria do "145" de Florianópolis e que indicam a movimentação nas linhas ou, mais especificamente, o "ocupação dos jutores", segundo as monitoras, durante o período de uma semana, primeiro a sete de junho de 1993, e que cobre os vários turnos em que ocorre monitorização. Trata-se, igualmente, além de oferecer pistas sobre a demanda no sistema, de mais uma tentativa de circunscrever os usuários através de sua circulação e movimentação no sistema.

DIA HORA	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	TOTAL
07:00	2	1	1	3	5	2		14
07:30	5	3	2	6	9	3		28
08:00	7	6	5	2	13	5		38
08:30	6	8	9	7	7	4		41
09:00	6	10	8	11	9	10		54
09:30	5	13	16	5	11	8		58
10:00	8	15	14	11	8	17		73
10:30	16	16	18	12	12	22		96
11:00	16	15	15	13	8	30		97
11:30	6	16	13	18	12	21		86
12:00	12	16	16	20	20	20		104
TOTAL	89	119	117	108	114	142		869

DIA HORA	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	TOTAL
12:30	18	26	20	46	20	24		154
13:00	15	32	15	42	31	25		160
13:30	21	20	23	32	24	28		148
14:00	34	30	30	33	28	34		189
14:30	36	22	32	44	30	66		240
15:00	22	35	25	45	33	59		219
15:30	46	37	48	45	30	68		274
16:00	39	35	39	33	58	53		257
16:30	35	36	31	42	28	69		241
17:00	22	39	50	38	38	58		245
17:30	35	35	39	13	37	62		226
18:00	31	44	39	17	40	55		226
TOTAL	354	391	391	430	397	601		2564

DIA HORA	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	TOTAL
18:30	40	31	36	36	40	66	30	279
19:00	39	39	38	39	36	42	36	269
19:30	49	44	33	51	65	40	39	321
20:00	41	51	49	43	66	64	42	356
20:30	35	55	56	53	81	63	46	389
21:00	55	61	48	69	110	75	49	467
21:30	63	50	43	68	101	71	38	434
22:00	58	56	55	64	93	94	52	472
22:30	49	59	47	83	97	102	59	496
23:00	54	62	53	89	91	106	57	512
23:30	56	64	66	93	99	101	49	528
23:45	59	59	68	102	115	98	38	539
TOTAL	598	631	592	790	994	922	535	5062

Como se pode observar, através dos números apontados nas tabelas acima, comparando a movimentação nos diversos turnos, o de menor movimento é o matutino, chamando-se atenção para o fato de que a demanda aumenta significativamente próximo ao meio-dia, sendo que no sábado a incidência de ligações é maior e na segunda-feira, diferentemente, é a menor da semana.

Em relação ao período vespertino, conclui-se que o número de chamadas é três vezes superior ao anterior. Das catorze e trinta até as dezoito horas, o fluxo de ligações se eleva e é praticamente constante, e é no sábado, novamente, que a demanda aumenta.

Mas é à noite que se verificam os maiores níveis de "ocupação dos juntores" sobretudo após as vinte e uma horas, com pico na demanda na sexta-feira, seguido do sábado, sendo que a menor procura é a da segunda-feira.

Observa-se, para efeito de comparação, que a solicitação do sistema na sexta-feira à noite é nove vezes maior que no mesmo dia no período da manhã.

É necessário ainda observar que, conforme salientavam as monitoras, tais números recebem influências de outras variáveis, como por exemplo, eventos extraordinários que alteram o dia a dia da cidade, a programação televisiva e as estações do ano. Chamam atenção, neste aspecto, para o fato de que no verão a demanda no sistema aumenta significati-

vamente em função da presença de turistas na região, quando ocorrem números recordes na "ocupação dos juntores". A participação de turistas no sistema é, segundo elas, verificada a partir de traços que permanecem na fala, como o sotaque por exemplo, e a referência a outros ambientes culturais.

Outro dado a ser considerado, ainda, em relação à "ocupação dos juntores" nos demais períodos do ano, é que no inverno se registram os menores números.

Observa-se também que aos domingos, manhã e tarde, não ocorre monitorização, em função, segundo o monitoria, de um quadro significativa na demanda, se comparada aos outros dias.

Muito embora se verifique que, no geral, os assuntos e os tópicos presentes nas conversações no "145" sejam diversificados, bem como as motivações que levam o usuário a acionar o sistema, é possível perceber que, dependendo do dia da semana, e do horário em que é realizada a ligação, predominam algumas características.

Conforme já foi colocado anteriormente, as motivações de ordem amorosa e interações que podem conduzir a uma experiência de caráter sexual é um constante nos vários horários e dias da semana, porém se expressam de formas diferenciados. Muito embora a empresa procure evitar que o serviço seja sinônimo de "telepaquero", observa-se que o namoro

é o tópico dominante.

E no final de semana, por exemplo, que os interesses em utilizar o sistema enquanto um meio, principalmente para "fazer programas", ficam melhor explicitados. São recorrentes determinadas perguntas: "o que vai fazer no final de semana?", "que lugares você frequenta?" e citar áreas de lazer e espaços de sociabilidade na cidade (bares, praias, boates etc) indicados como possíveis pontos de encontro para se dar o continuidade da interação.

Em uma sexta-feira à noite:

A - Alô!

B - Alô!

A - Quem tá falando?

B - É Márcia.

A - Tudo bom Márcia?

C - Alô!

A - Eu tô falando com a Márcia.

C - Márcia.

B - Oi!

A - Márcia, aqui é o Marcos.

C - E aqui é o Fernando.

A - Márcia, o que você vai fazer no final de semana?

B - Eu vou na Metrô.

A - *Márcia, eu queria te conhecer melhor. O que você acha?*

B - *Ah! Não sei.*

A - *Liga prá mim.*

B - *Tá bom. Qual é o número?*

A - *Você vai ligar?*

B - *Qual é o teu número?*

E Marcos, em seguida, passa o seu número para Márcia e saem da linha enquanto Fernando dá mais um tempo e comenta rapidamente com outro homem que diz: "*Alô*", "*tá difícil encontrar uma gata*" e "*vou tentar outro grupo*" e desliga.

Procurar uma "*gata*" ou "*gato*", principalmente nestes horários, é uma constante. Tais expressões são normalmente utilizadas pelos usuários e designam o sexo oposto, procurando, através delas, conferir uma idéia de jovialidade e informalidade às relações.

Em relação à referência a outros espaços de sociabilidade da cidade durante as conversações, Torres também chama atenção para este "*diálogo*", conforme ela caracteriza, que há entre o Disque Amizade e os demais espaços de lazer nas duas cidades pesquisadas, Campinas e Maringá (TORRES, 1992, p. 254).

As referências também ocorrem nas conversações na segunda-feira quando geralmente são realizadas perguntas tais como "*o que você*

fez no final de semana?", "onde você foi?", "tava bom lá?", entre outras perguntas e respostas que situam o usuário em uma rede maior de relações sociais e sua inserção nos espaços de lazer local.

Por outro lado, tais respostas fornecem pistas sobre a posição e inscrição do usuário em um cenário social mais amplo: preferências, condição econômica, origem social, entre outros aspectos considerados relevantes para a continuidade ou não da interação.

É importante, ainda, salientar que o "145" não substitui as outras alternativas de lazer na cidade, porém se coloca enquanto mais uma, na qual a experiência do encontro é de uma ordem diferente.

- "Não, eu não deixei de ir a outros lugares depois que passei a ligar pro "145". É que aqui eu me divirto de um jeito diferente."

Torres, sobre esta questão, identifica, também, em seu estudo do Disqueamizade, que a participação no sistema "não exclui nem substitui integralmente as outras formas de sociabilidade vivenciadas por seus usuários" (TORRES, 1992, p. 242-243).

Em relação, novamente, aos horários, independente do dia da semana, após as vinte e uma horas e trinta minutos, predomina a clientela masculina e surge, aqui, um dos personagens mais assíduos do Disque Amizade, que são os trabalhadores noturnos como, por exemplo, os vigias e vigilantes, os digitadores, recepcionistas, entre outras funções que

atuam no período do noite. Verifica-se também a presença de representantes comerciais que estão de "passagem pelo cidade" e se hospedam nos hotéis locais.

São mais frequentes, comparado aos outros horários, depoimentos de usuários que afirmam estar ligando "*do trabalho*". Muito embora não localizem exatamente a origem da ligação, por outro lado, fornecem pistas que sugerem tal procedência: "*lido com computador*", "*trabalho num hotel da cidade*".

Às vezes, ainda, ruídos ao fundo podem também sugerir pistas sobre a origem da ligação e contribuir para a construção, mesmo que relativa, de uma imagem sobre o usuário, combinadas com outros dados presentes na voz. Um exemplo claro e recorrente no "145" é o caso do "vigia". Embora raramente um usuário assuma tal identidade, é, no entanto, identificado pelos demais usuários presentes no grupo a partir de algumas características da ligação, principalmente quando se ouve ao fundo uma rádio AM ligada.

Muitas vezes o forte sotaque local, piadas e brincadeiras irreverentes, são consideradas características que imediatamente relacionam-se a este usuário. São acusados frequentemente, de serem os principais protagonistas e autores das "*baixarias*". Nem sempre são bem recebidos e chamar alguém de "vigia" parece ser uma ofensa, do mesmo modo que chamar uma mulher de "empregada doméstica" no "145".

- "Como você é Ana?"

- "Ah! Tenho 1,65m, cabelos longos e negros, cinquenta e três quilos. Eu sou do tipo bonita. Gosto de me olhar no espelho. Eu até já desfilei como manequim."

- "Você parece ser muito extrovertida."

- "Todas as pessoas que conversam comigo me acham muito espontânea."

O diálogo é interrompido por vozes masculinas que começam a interferir na conversa. Há música sertaneja ao fundo de uma das linhas e um deles começa a cantarolar. Luiz comenta:

- "Tá difícil hoje o "145". Tem muita gente que é vigia e só fala besteira. Liga prá mim, Ana." E passa o número do telefone.

Houve apenas dois momentos durante a fase de coleta de dados que conversei com usuários que se diziam "vigias". E um deles dizia trabalhar em um órgão público de São José, e afirmava ligar frequentemente para o "145" para "passar o tempo", pois era "chato virar a noite sem companhia para conversar". Vez ou outra interrompia a conversa para fazer a ronda. Outro caso foi o de um usuário que disse ser vigia de uma instituição pública no centro de Florianópolis e propôs inclusive que fizéssemos sexo por telefone. Nos dois casos eu não me apresentei como pesquisado-

ra e é importante observar que se identificaram como vigias apenas na linha privada. Ambos comentaram que não se revejavam como vigias na linha pública, pois "*o pessoal pega muito no pé*" e "*ficam enchendo o saco*".

Após as vinte e três horas, denominado "horário livre", pois nesse horário não ocorre monitorização, a presença feminina decaiu muito, embora se tenha observado que a participação de homens em todos os demais horários é maior que a de mulheres, e os encontros homoeróticos masculinos tornam-se mais explícitos. São denominados "bichas" pelos demais usuários e sofrem pressões do grupo através de piadas e brincadeiras que podem levar ao colapso da interação, bem como a situações de conflito.

Classificar um usuário de "bicha" muitas vezes independe do conteúdo da conversa ou da correspondência à fala do interlocutor do mesmo sexo. Identifiquei, em várias ocasiões que apenas um "alô" emitido por um homem, cujo timbre de voz seja mais agudo, já é o suficiente para caracterizá-lo enquanto tal.

A - *Alô!*

B - *Ih! Esse é bicha.*

C - *(Risos) Como dá bicha no "145", cara.*

B - *Só tem macho hoje. Tá difícil de gata hoje. (e sai da linha).*

Em outra ocasião, observando o período da tarde, em uma

terça-feira do mês de setembro de 93, infelizmente com o gravador desligado, pois havia discado para o "145" para buscar inspiração no campo, localizava em um dos grupos em que "caí" mais uma daquelas interações que se apresentavam rotineiras para mim.

Eram breves "alô"s que se perdiam quando não havia correspondência. O meu posicionamento era de "écouter". Percebia que uma das vozes masculinas permanecia no grupo e vez ou outra emitia um "alô" que, finalmente, foi correspondido por uma voz feminina. Iniciavam as apresentações, trocando nomes e informações gerais sobre profissão (ele disse ser estudante e ela trabalhar no comércio local), e de onde ligavam.

Em seguida, "entrou" outra voz masculina para o grupo que manifestou interesse em também conversar com a garota. Vez por outra, um e outro lhe formulavam questões, realizando, deste modo, uma tentativa de identificação.

Percebia, em algumas respostas, que a mulher se esquivava de perguntas mais específicas e remetia a respostas de caráter mais geral, em uma tentativa de escapar à possibilidade de uma localização objetiva de seu endereço.

Chamou-me atenção, contudo, a "entrada" de uma terceira voz masculina que, semelhante às anteriores manifestou interesse em conver-

sar com a mulher que estava no grupo, porém, diferentemente dos outros homens, remetia-lhes também algumas perguntas, sobre a idade, o que faziam, entre outras comumente realizadas no "145".

Um deles, porém, observou que "*não sou a fim desse papo não*", "*já sei qual é a tua*", disse o outro. A garota silenciou e possivelmente como eu, apenas observava uma discussão que se iniciou quando os rapazes começavam a provocá-lo.

Sandro assumiu seu homoerotismo através de um discurso bem articulado discorria sobre sua condição e a necessidade de ser respeitado, realizando críticas severas à reação dos outros dois caracterizando-a de "*preconceituosa*". Recebeu ainda o apoio da mulher, que concordava com suas colocações dizendo "*você está certo*", "*não tem nada a ver esse tipo de preconceito*". Em seguida Sandro, encerrando sua argumentação, "*saiu*" do grupo.

A conversa entre os três continuou um pouco mais, falando sobre o que havia acontecido até que um deles se adiantou e perguntou se ela queria ligar pra ele. Ela disse que sim e ele "*passou o número*" de seu telefone.

Paulo que tinha ficado "*sozinho*" no grupo, aguardou em silêncio durante alguns poucos segundos e também "*saiu*".

Nem sempre o homoerotismo é assumido no "145", e seus interlocutores, na maioria das vezes, para escapar a estas pressões, dis-

simulam perante os demais usuários, criando estratégias para que ocorram as trocas dos números de telefone. As vezes aguardam em silêncio até que percebam que estão a sós no grupo ou até mesmo disfarçam conversando interessadamente com mulheres para, posteriormente, percebendo o interesse do outro interlocutor, efetuar a troca de números de telefone ou mesmo marcar encontro em algum ponto da cidade.

Quanto ao homoerotismo feminino, é mais difícil de identificá-lo e o fato de duas mulheres conversarem mais longamente no "145" é o suficiente para serem nominadas de "*sapatonas*" pelos homens, bem como por outras mulheres que estejam no grupo. Foram raras nesse aspecto, as ocasiões em que identifiquei conversas mais duradouras com interlocutores do mesmo sexo, sugerindo, por outro lado, que embora o sistema fosse concebido para estimular o desenvolvimento de amizades, atualmente percebe-se que predominam motivações de ordem amorosa.

Tal questão foi, possivelmente, a causa que me levou a ter, em sua grande maioria, mais entrevistas com homens, e dificuldades em aproximar-se das mulheres que frequentam o sistema.

Outro personagem que frequentemente participa do "145" são as crianças, cuja presença se acentua no período matutino e vespertino e, dependendo do tipo de participação no grupo, principalmente à noite, são "*derrubadas*" pelas monitoras.

Ocorre que à noite predominam discursos caracterizados como

"baixaria" pelos usuários do sistema. Tal discurso opõe-se à "conversa séria", cujos tópicos e estrutura obedecem a padrões formais e morais dominantes de conversação. Diferentemente, na "baixaria" a palavra é livre do modelo de conversação dominante e do tipo de conversação ideal concebido pelo sistema "Disque Amizade". Como exemplo, citam-se as piadas e interferências consideradas de "baixo nível" pelos protagonistas da "conversa séria". Normalmente os tópicos que predominam nestas interferências têm conteúdo sexual. Incluem-se nesta categoria também aqueles discursos cujo objetivo é desorganizar "conversas sérias" já constituídas.

Há ainda quem prefira apenas ouvir as conversas. Denomino este personagem de "écouter", que apresenta uma certa atitude comparável à do "voyeur". Sabe-se que ele(ela) está no grupo. Muitas vezes é convidado(a) a participar, no entanto ele (ela) não se apresenta. É mais fácil observá-lo (a) através da mesa de controle, pois tecnicamente é mais viável conferir se a sua presença continua ou não no grupo, e isolá-lo. O seu silêncio é a característica mais marcante. Às vezes ouve-se ao fundo música, ruídos domésticos etc. O meu papel durante boa parte da pesquisa foi o de "écouter" quando tinha o propósito de realizar observações sem interferência, observando as conversas em seu contexto natural de ocorrência. As próprias monitoras desempenham cotidianamente esse papel, através da sua vigia constante e escuta silenciosa.

Não encontrei na análise do "145" de Florianópolis designações

nativas específicas que identificassem este personagem. Torres, contudo, em seu estudo relaciona algumas expressões dos usuários que caracterizam tal atitude como, "*o fone fora do gancho*", "*os corujões*", "*o moita*", "*o clube dos mudinhos*" (TORRES, 1990, p. 21).

5.1.1. O discurso identificatório:

A observação sistemática do fenômeno levou-me a considerar que o sistema "Disque Amizade" em Florianópolis tem se tornado um meio facilitador e organizador de encontros onde predomina o de ordem amorosa, que pode resultar ou não em interações face a face, dando continuidade ou não ao projeto amoroso. Ao mesmo tempo o sistema tem gerado o surgimento de novas redes de sociabilidade na cidade transformando-se, igualmente, em um alternativo de lazer onde o voz é experienciada de diversos modos permitindo-se, através do anonimato, que jorrem palavras e sentimentos que não se expressam do mesmo modo em outros espaços no social transformando, deste modo, o "145" enquanto fim..

Muito embora não se pretenda estabelecer uma rígida separação entre estas propostas, meio e fim, pois se percebe que um projeto pode derivar em outro, dadas as circunstâncias e o contexto das interações. Situam-se, deste modo, tais projetos como dinâmicos e relativos, porém observa-se que em algumas situações há o predomínio de um ou outro as-

pecto.

Trata-se aqui o "145" enquanto meio na medida em que ele é gerador e proporcionador de encontros e enquanto fim na medida em que as faias, que como vimos, são de várias ordens, podem se esgotar se ali mesmo, na linha pública, não remetendo, necessariamente, a algo que vá além do instante imediato.

Torres, igualmente, percebe o Disque Amizade enquanto meio quando este se transforma em um "ponto de encontro a partir do qual os usuários se redistribuem ou se reolocam, seja discando para outros números telefônicos, seja marcando encontros fora da linha" e enquanto fim "as relações interpessoais que se estabelecem no "145" não necessariamente conhecem uma continuidade...", "no fato de a conversa dar-se somente nos grupos telefônicos" sem as trocas de endereços, números telefônicos e encontros face a face (TORRES, 1990, p. 23-24).

É importante observar que o estudo do Disque Amizade de Florianópolis nos coloca diante de um tipo de interação caracterizado pela imediatez e brevidade dos contatos na linha pública. Diferentemente, Torres identifica em vários momentos da sua pesquisa, conversações de tipo mais duradouro entre os vários usuários do sistema.

O estudo do "145" de Florianópolis revela-nos, então, com mais ênfase, trocas rápidas, impulsos que aglutinam e se dispersam instantaneamente, faias solitárias sem um alvo definido, faias silenciosas e gestos

mudos que experimentam o outro sem a necessidade efetiva e afetiva da troca.

Porém, quando o projeto é a troca, frequentemente é acionado um tipo de discurso, que caracterizo como identificatório, cujo objetivo é "enquadrar" e "fixar" o outro, tomando como base um cenário social mais amplo e complexo. Revelam-se ao interior deste tipo de discurso, no articulação entre as perguntas e as respostas, visões de mundo e preconceitos presentes em outros níveis do social e que influenciam decisivamente a construção das interações que ali ocorrem.

A idéia aqui é que as configurações histórico-culturais das quais o usuário faz parte influenciam e determinam significativamente a construção dos interações que ocorrem na iinho pública e privado do "145".

É nesse sentido que caracterizo o discurso identificatório, que se dá no abertura das conversações, enquanto fundamental, pois é através dele que são, inicialmente, construídas as imagens do outro. Na medida em que a interação não se dá face a face e não dispõe de referências anteriores sobre os interlocutores, perguntas como: qual o seu nome? que idade você tem? como você é, qual a sua altura, peso, bem como outras relativas ao aspecto físico, são extremamente relevantes e são realizadas pelos vários interlocutores que participam da interação. As respostas a essas perguntas seguem ainda acompanhadas de outros elementos constitutivos da fala que são o léxico e o sotaque, por exemplo, que influenciam

significativamente o prosseguimento ou não da interação.

Os discursos do tipo argumentativo, onde ficam melhor demonstradas as visões de mundo, ocorrem com mais intensidade na linha privada. É nesse outro nível da interação que os interlocutores optam ou não, por encontros face a face ou pelo prosseguimento da interação apenas por telefone.

Observei que na construção do discurso identificatório articula-se uma certa estrutura na conversação que se repete e obedece, geralmente, à seguinte sequência, na formulação das perguntas: "*Qual o seu nome?, De onde você está falando?, Que idade você tem?, O que você faz? e Como você é?*". Estrutura semelhante foi identificada por Torres em seu estudo.

A tentativa de escapar à possibilidade de identificação do endereço e autoria exata da voz já fica demonstrada na resposta à primeira pergunta. "*É de lei*", disse-me um entrevistado, "*mudar o nome no 145*". Contudo, a alteração do nome não se dá aleatoriamente, e, ao que tudo indica, já está comprometida com a intenção voltada para a construção de um possível encontro. Optam-se, deste modo, por nomes considerados "*bonitos*" e, de certa forma, "*atraentes*". Há, ainda, nomes considerados comuns no "145", pois se repetem, tais como Paulo, Renata, André, Marcelo, Marcos, Márcia, Patrícia, entre outros. Pseudônimos exóticos e singulares raramente são usados. Por outro lado, mesmo que o interlocutor te-

nha um nome comum, ele é alterado para evitar que seja realizada, por algum participante do grupo, a relação entre o nome e a voz, possibilitando assim o seu reconhecimento.

Quanto à pergunta "*De onde você está falando?*", geralmente são indicados nas respostas os bairros centrais da cidade, como por exemplo, Centro, Trindade, Beira Mar, Coqueiros e Estreito. Raramente são citados aqueles mais periféricos, pretendendo, deste modo, acreditar, conferir um certo status social ao seu interlocutor. A indicação do local da ligação é, por outro lado, limitada e rompe em algum nível com o anonimato, quando o usuário, posteriormente, manifesta interesse em fornecer o seu número particular de telefone. O prefixo já deve estar garantido, nesse sentido, quando é dada a resposta.

Com respeito à pergunta "*Quantos anos você tem?*", um tópico geralmente introduzido pelos homens, observou-se que ela gera um período de silêncio e nos revela um momento significativo na conversação e que pode ser decisivo no seu prosseguimento ou não. Foram observados vários casos em que, principalmente as mulheres, mudavam suas idades com o interesse de estabelecer uma conversação com um homem. "*Você é muito nova*", ou "*você é muito velha*" pode indicar, muitas vezes, o rompimento imediato da interação. É comum, neste sentido, o retorno à linha da mesma interlocutora com a idade alterada.

A pergunta "*O que você faz?*" remete, geralmente, a respostas

genéricas, como por exemplo, "*Sou funcionário público*", "*engenheiro*", "*estudante*", e que são aprofundadas, em muitos casos, na linha privada.

"*Como você é?*" Esta pergunta, normalmente introduzida pelos homens, remete a questões relativas à descrição física do interlocutor. Altura, peso, cor e tipo de cabelo, cor dos olhos, são questões mais específicas e derivadas a partir da primeira formulação, que é mais abrangente. Não foram observadas perguntas diretas em relação à cor da pele, talvez porque, acredito, elas já estivessem contidas de forma implícita nas demais formulações. É importante observar que não foram registrados, durante o processo de coleta de dados no linha pública, descrições em que o(a) interlocutor(a) mencionasse que fosse negro(a). Houve uma situação, porém, em que um homem de voz grave ao falar "*alô!*" foi chamado de "*negão*" pelos demais participantes do grupo que eu estava observando. Ele apenas riu, enquanto o chamavam "*ô negão*" e eram realizadas observações do tipo "*esse aí é preto*". Em seguida, ele saiu da linha. Ainda em relação à pergunta "*como você é?*", observou-se que predominam descrições comprometidas com um determinado padrão de beleza legitimado, principalmente, pelos meios de comunicação de massa.

Os tipos de perguntas e a sequência com que normalmente são formuladas no "145" em muito nos lembram aqueles questionários que cotidianamente preenchemos quando abrimos um crediário em uma loja entre outros, pois pretendem, igualmente, classificar e identificar o outro. É im-

portante chamar a atenção, contudo, que foram encontradas variações na estrutura da abertura das conversações, mas que reconheço a importância que têm as imagens que são construídas pelos interlocutores logo no início da interação e o quanto são decisivas para a sua continuidade ou não. Claro que no seu desenvolvimento elas podem vir a ser construídas e reelaborados dependendo de como, posteriormente, principalmente na linha privada, dá-se o desenvolvimento da interação.

São vários e significativos, neste aspecto, depoimentos que revelaram determinados níveis de insegurança e receio quando são marcados os encontros face a face que, em muitos casos, geram frustração e impactos decisivos, chegando a comprometer projetos de relacionamento como o amoroso, por exemplo e principalmente.

"Conversamos durante três meses só por telefone até marcar o encontro. Criei a maior expectativa. Quando ela apareceu, não tinha nada a ver. Eu tinha imaginado a maior gata" (depoimento de um usuário).

É importante, também, que se observe que a estrutura mencionada acima segue um modelo baseado em condições ideais de conversação no "145", pois conforme salientamos anteriormente, ocorrem interferências de vários tipos. Estratégias discursivas são construídas, neste sentido, com o intuito de dar continuidade à conversação, quando são manifestados os interesses para o seu prosseguimento. Neste caso, em interações heterossexuais, é geralmente o homem que realiza a pergunta, *"Você quer ligar*

prá mim?". Se a resposta é "*sim*", é ele que, na maioria dos vezes, fornece o seu número particular de telefone.

Mas passar o número particular de um telefone não é tarefa fácil. O anonimato permite que o usuário altere o seu nome, profissão, idade, porém, se ele(a) pretende prosseguir a conversa na linha privada, não há como omitir o número verdadeiro. E, para isto, são criadas estratégias, algumas bastante conhecidos, que objetivam, de certa forma, camuflar o número, impedindo que outras pessoas que estejam no grupo façam trote. O prefixo é obtido quando se pergunta de onde a pessoa está falando.

Mais adiante pergunta-se sobre coisas, aparentemente até absurdas, mas que resultam em respostas numéricas, como, por exemplo, placa de carro, número do caso entre outras alternativas citados anteriormente pelas monitoras. "*Passar o número*" através de um código, com o objetivo de preservar e proteger a privacidade dos usuários, também foi uma solução encontrada por Torres em seu estudo do Disqueamizade de Campinas e Maringá.

Outro modo é fornecer o número logo no início da conversa e rapidamente:

- "*Quem tá falando?*"

- "*Tânia.*"

- "*Quer ligar prá mim Tânia?*"

- *"Qual o número?"* (e o número é fornecido logo em seguida).

Nesta estrutura de conversação muito comum, encontrada no "145", que se dá principalmente quando estão presentes no grupo vários participantes, realiza-se a pergunta *"você quer ligar prá mim?"* logo após o "alô" e *"qual o seu nome?"*. Um breve "alô" pode conter e é portador, aqui, de elementos que auxiliam a construção da imagem do outro. Classificações realizadas pelos usuários sobre os tipos de vozes como: *"voz feia"*, *"voz bonita"*, *"suave"*, *"masculina"*, *"feminina"*, *"atraente"*, entre outros adjetivos, remetem a um projeto classificatório que pretende circunscrever a identidade do outro.

Em uma quinta-feira à noite, após ter participado daquele roteiro típico de perguntas e respostas mencionado anteriormente:

- *"Você liga com frequência, Sandro?"* Perguntei.
- *"É! Sempre que estou sozinho, prá me distrair..."*
- *"O que acontece no "145"? Sabe, é a primeira vez que estou ligando..."*
- *"Olha! Às vezes se consegue bons papos. Já consegui boas amizades através do "145". E dependendo... Eu, numa noite estava sozinho no trabalho e liguei. Falei com uma mulher que recém tinha se separado e estava muito deprimida. Passei meu telefone prá ela e continuamos a conversa. Naquela noite ela*

me deu o endereço e passamos a noite juntos."

- *"Que tipo de gente liga?"*

- *"Dá de tudo. Tem gente que liga só prá conseguir transa."*

- *"Eu ouvi falar que já saiu até cassamento."*

- *"É possível. Mas, liga prá mim."* Fomeceu-me o seu número do trabalho e continuamos a conversa na linha privada.

- *"Sandro é o seu nome verdadeiro?"*

- *"Não, não. Tem gente que diz o nome verdadeiro mas a maioria prefere usar um nome falso para não ser identificado. O meu nome é Ricardo, e o seu?"*

- *Chame-me de Marta. O tipo de voz é importante no "145".*

- *Às vezes sim. Mas o que acontece no "145" é que antes de conhecer a pessoa pelo que ela veste, pelo que é exteriormente, assim como o tipo físico, a gente a conhece pelo que ela é interiormente. Eu, pelo menos, acho isso."*

É significativo, ainda, observar a tensão que existe entre a tentativa de circunscrever, classificar e identificar o outro, e as estratégias que são construídas no sentido de escapar a essas tentativas. Tais estratégias ficam claramente demonstradas através das alterações de nomes, Idades, profissões, das auto-descrições, estado civil, entre outros aspectos relativos à vida pessoal e privada do(a) interlocutor(a). É neste sentido, tam-

bém, que qualquer tentativa de traçar um perfil dos vários personagens que participam do sistema tem que ser obrigatoriamente relativizada, na medida em que os projetos de identidades migram, são dinâmicos e nebulosos.

Ao mesmo tempo que opaco e nebuloso, trata-se de um universo em que o anonimato é experienciado de diversos modos, e que pode romper-se em diferentes níveis e graus, dependendo do tipo de interação que é construída e das motivações do usuário.

5.2 - Circulação e distribuição de corpos e afetos na linha privada:

Vozes anônimas sem um corpo definido que trafegam à distância, encontrando-se e desencontrando-se em espaços imaginários. Sujeitos que escapam a processos de objetivação e se camuflam, travestindo suas realidades, migrando anonimamente em um processo contínuo. Trata-se de um sujeito multifacetado, nebuloso e esquivo àquelas técnicas e métodos em que fomos tão bem treinados.

Estratégias discursivas são construídas permitindo, deste modo, escapar ao foco em uma mobilidade e deriva constante. Trata-se de uma territorialidade itinerante, diz Perlongher, ao se referir às populações nômades que habitam o cidade (Perlongher, 1989), que se opõe à perspectiva

de uma territorialidade sedentária, delimitada a trajetórias e fixidez residencial. Sua eficácia está justamente em não se submeter a um projeto identificatório e, por isto mesmo, articula-se a múltiplos projetos, subvertendo as cartografias e mapeamentos dominantes, reinventando e desencadeando processos novos de codificação.

Circunscrever nome, idade, profissão, origem social, catalogar em perfis psicológicos, conferir realidades, aferir graus, níveis de verdades e mentiras, enfim realizar censos, não poderia ser meu objetivo. Na realidade, o que importa neste momento é perceber seu movimento, sua mobilidade, sua circulação a partir de uma ordem dramática.

É Maffesoli, ao pretender mostrar a eficácia social da teatralidade de que diz que:

"... o que nos importa é permitir a compreensão de que ela é simplesmente uma das manifestações da pluralidade, desse politeísmo de valores cuja importância foi ressaltada por M. Weber. Na encenação da existência social, todos os papéis se interpelam e se respondem livremente. Essa interconexão de múltiplas figuras que reproduzem, na esteorotípia, a arquetipologia de grandes esquemas é a garantia mais segura de uma socialidade dinâmica onde se vive, simultaneamente o repetitivo e a criação. E é porque repousa sobre tal arquitetura de papéis que a socialidade é, em sua totalidade, teatral." (1984, p. 139).

Para Maffesoli,

"a sociedade enquanto interação de elementos heterogêneos que negociam sua presença mútua, nada mais é do que uma vasta e complexa "representação", onde os "papéis" se trocam, se sucedem, se opõem, se eliminam etc." (Ibidem, p. 136-137).

Neste sentido, reconheço, juntamente com o autor, que a teatralidade faz parte da vida social nos seus vários níveis sendo, portanto, frágil, ou melhor, conforme salienta o próprio Maffesoli, "delicado" e "impossível" discriminar com exatidão o que é da ordem do "verdadeiro" e o que é da ordem do "falso".

É Goffman, também, que, ao perceber o social do ponto de vista dramaturgico, chama atenção para as técnicas e estratégias que os pessoas comumente utilizam para manter e criar determinadas impressões. Analisa a convicção que o indivíduo tem ao desempenhar determinado papel e a impressão de realidade que procura transmitir ao(s) observador(es). Entende, deste modo, por "representação":

"toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência"
(Goffman, 1989, p. 29).

Nesta seção procura-se ir ao encontro, através de entrevistas sistemáticas, de alguns personagens, usuários do "145" de Florianópolis. Busca-se em seus depoimentos perceber as especificidades da conversação que ocorre na linha privada, bem como perceber, através das experiências que são narradas, em que medida elas remetem ou não à construção de novos processos interativos na cidade. Trata-se, em meu entendimento, de falas que apontam para o dinamismo da vida cotidiana que re-

corre o imaginário e à fantasia, entendendo-os como elementos indispensáveis a uma sociedade dinâmica ao mesmo tempo contraditória, conformada, inventiva e resistente aos regimes de verdade dominantes.

Tal socialidade encontra-se, por outro lado, assegurado por um mecanismo de proteção que é o anonimato, uma "película protetora", segundo Pétonnet, que está no coração do fenômeno urbano.

"Il règne en maître dans les lieux publics, protecteur de chacun, du soi non révélé, condition aussi nécessaire que la précédente à la coexistence de millions d'habitants".
(PÉTONNET, 1987, p. 249).

Concordo com a autora em que o anonimato é uma noção difícil de abordar e que se dá em diferentes níveis no social, mas que possibilita entender a liberação de inquietudes, desejos e palavras que não seriam reveladas, possivelmente, a um próximo. O anonimato configura-se, assim, enquanto uma atitude, um dispositivo em um processo de sociabilidade que, é acionado para preservar identidades, ao mesmo tempo que revelá-las.

Em uma situação de anonimato extremo a palavra é livre como o ar, diz-nos Pétonnet.

Acredito, em meu estudo sobre o "Disque Amizade" de Florianópolis, estar diante de um tipo de anonimato caracterizado como extremo, que se rompe pouco a pouco quando convicções e posições íntimas de

seus interlocutores são reveladas, e se diferenciam com a continuidade do processo interativo. E deste modo que concordo que o anonimato se exerce a partir de diversos níveis e é experienciado de formas diferentes por cada indivíduo. Muito embora ocorram quebras momentâneas, os indivíduos conservam, em muitos momentos, secretamente suas identidades e endereços.

Concordo, ainda, com Velho e Machado que, ao chamarem atenção para as situações sociais, interações e formas de sociabilidade que se expressam nas cidades, caracterizam como relativo o tipo de anonimato que ocorre nas grandes metrópoles e que, segundo eles:

"parece ser peculiar. O que seria característico então, da grande metrópole é a possibilidade de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos, não coincidentes e, até certo ponto, estanques. Isto é que o que seria o anonimato relativo". Não é absoluto, de acordo com eles, pois "a própria mobilidade que, de um lado, favorece o deslocamento do indivíduo entre diferentes meios sociais dificulta a existência de áreas exclusivas" (1977, p. 80).

A mesma voz que ora se chamava Marcos e dizia trabalhar no comércio local, posteriormente é Fernando, Júlio, Luís e é funcionário público. Ora Cláudia tem vinte anos, ora tem trinta, é secretária de um órgão público, ora apenas estuda e não mora mais com os pais como disse há minutos atrás para, Marcos, que agora é Fernando, que, posteriormente, é Paulo, que agora não fala mais com Fernando que disse ser solteira e

estar ligando para "*passar o tempo*", mas que agora tem namorado, chama-se Aglair, está pesquisando o "145" e solicita-lhe uma entrevista.

a. "A pessoa evitou o contato direto. Não sei por quê".

- Alô!

- Oi!

- Quem tá falando?

- Fernanda.

- Tudo bom, Fernanda?

- Tudo certo. Com quem eu tô falando?

- Rogério. Qué ligá prá mim, Fernanda?

- Tudo bem, qual o seu número?

Observando que não há mais ninguém em outras linhas, Rogério fornece-me o seu número particular.

- Rogério?

- Fernanda?

- Rogério é o seu nome mesmo?

- É.

- Você liga sempre para o "145"?

- Não. Esporadicamente. É difícil.

- Ah, é?

- De vez em quando. Quando eu estou muito só, solitário.

- Você tá ligando de onde? Do trabalho?

- Não. Tô ligando de casa.

Procurando ser direta em minhas perguntas, que já tomavam forma de entrevista, apresentei-me como pesquisadora, solicitando-lhe uma entrevista. Rogério concordou e me disse que há cerca de um ano e meio liga com certa frequência para o "145": "*...prá conversar com pessoas, trocar idéias. Ligo duas ou três vezes por semana*".

Rogério, vinte e cinco anos e funcionário público, baseado em algumas experiências pessoais, acredita que as pessoas que ligam para o "Disque Amizade", geralmente não procuram um contato mais direto: "*Elas querem é um contato verbal, indireto, por telefone mesmo. Não é o meu caso.*"

Combinando roupas, descrevendo traços físicos, marcou há tempos atrás um encontro com uma mulher em frente à Catedral e ela não apareceu: "*...leveí um bolo*", afirmou. "*Realmente não sei se ela foi ou não. Provavelmente não foi*". Com dúvidas, não voltou a lhe ligar e romperam a relação.

Porém, a história mais interessante que viveu, segundo ele, através do "145", foi com Carolino, vinte e oito anos. O relacionamento entre os dois durou cerca de seis meses e se deu através do telefone, muito embora, Rogério manifestasse frequentemente seu interesse em uma relação, como ele próprio caracteriza, de "*direta*".

"Foram seis meses se comunicando só por telefone, mas nunca cheguei a conhecer. Porque a pessoa evitou isso, não sei por que. ...Era uma pessoa até legal, era interessante. Agora, os motivos que a levaram a não ter esse contato direto até hoje desconheço".

Carolina procurava esquivar-se constantemente, omitindo informações e dados pessoais que pudessem revelar seu endereço profissional e residencial, na medida em que a curiosidade de Rogério se intensificava. Respeitando a sua posição, Rogério começou a admitir que talvez ela tivesse bons motivos para evitar uma interação face a face: *"Eu acho que ela deveria ter um bom motivo. Talvez fosse muito feia, casada, sei lá! Daí eu parei de me comunicar com ela".*

Acreditando que é possível conhecer uma pessoa através de um contato só por telefone, porque ali também ficam demonstradas *"afinidades, gostos e manias e por aí a fora. A gente"*, continua ele, *"vai se tornando tão pessoal, como se tivesse conhecido há muito tempo. É como"*, referindo-se ao seu relacionamento com Carolina, *"se tivesse, como se ela fosse parte da gente, apesar da gente não ter aquela imagem física. Mas a gente faz um conceito, faz uma avaliação detalhada pelo caráter da pessoa, da conversa com a pessoa. É uma experiência legal, viu?"*

"Realmente, muito legal", pensei. Não poderia admitir o contrário quando eu própria em minhas entrevistas me remetia, com certa frequência, às tantas imagens que havia construído de Marcelo.

Carolina e Rogério ligavam-se constantemente: *"A gente falava sobre o dia a dia, o que fez hoje, o final de semana, o que vai fazer. Como se fossem duas pessoas íntimas"*.

E, *"a gente imagina desejos sexuais e prazeres. Como eu gostaria, como agiria se ela tivesse presente. Bem legal, entende? Como se fosse uma relação presente, né?"*

Mais adiante concluiu que *"a relação que se constrói através do "145" é uma coisa do tipo programada. Você vai com o intuito de encontrar alguém, enquanto que num bar, clube ou em um outro ambiente qualquer, é uma coisa inesperada. Por telefone é, talvez, mais interessante porque fica criando ilusões, fantasias. É até mais excitante"*.

b. "Já tive bastante rolo no "145".

- Alô!

- Alô!

- Tudo bom?

- Tudo bom. Quem fala?

- Cláudia.

- Cláudia? Da onde?

- Da Trindade.

- Da Trindade? Próximo do... próxima da onde?

- Imperatriz.

- Tudo bem?

- Hum, hum. E você?

- Alô! (diz um homem que entra na linha)

- Tô bem. Eu tô aqui no Centro, na Tenente Silveira. Tô no meu serviço. (continuam dialogando)

- Tá de serviço? O que você faz?

- Sô "office boy".

- Ah! Legal.

- Alô (diz novamente a terceira pessoa que está no grupo)

- Tá de folga agora?

- Não. É. Bem dizê estou porque o meu almoço era meio dia,

mas agora mudou porque a menina que trabalha com telefone entrou de férias. Eu tô um pouco no lugar dela enquanto a secretária geral não vem.

- Alô! (interfere novamente)

- Enquanto isso, aproveita e liga para o "145"?

- É. Vou aproveitar porque não tem nada o que fazer, né?

- Alôôôôô!

- Você liga sempre?

- De vez em quando.

- Qual seu nome?

- O meu é Odilon.

- Odilon?

- É. Odilon.

- Como é que tá o tempo aí no Centro? Tá chovendo?

- Aqui tá nublado.

- Nublado? Tá chovendo ou não?

- Pouquinho coisa.

- Alô! Quem tá falando, pô?

- Alô? Cláudia?

- Hum?

- É Cláudia, né?

- É.

- Não que deixá teu número de telefone prá eu ligá prá ti?
- Eu acho mais fácií você dar o seu.
- Não quer dar o seu número? Tás de serviço?
- Não. Tô em casa. Mas é que o telefone é da minha irmã e aí fica chato.
- Ah! ais em casa. Não. Não tem problema. Não vou ficar chateado não.
- Ah! Mas dá prá gente ficar conversando...
- Quéis ligar prá mim?
- Agora? Pode ser?
- Pode.
- Deixa eu só anotar, tá?
- É 00-0010.
- 00-0010?
- É.
- Tá legal. Eu vou ligar em seguida, tá?
- Tô esperando, hein?

Resolvi ligar naquele dia logo após o almoço. Trata-se de um horário de pouco movimento no "145". Meus alô's perdiam-se quando houve receptividade por parte de Odilon, um "office boy" de um órgão público, vinte anos, que ligou para o "Disque Amizade" "porque não tinha outra

coisa prá fazer. Então resolvi ligar."

Pedi-me, já no seu número, que eu aguardasse *"um minutinho"*, antes de prosseguirmos a conversa, pois tinha que *"anotar um recado na linha um da secretária de uma deputada local"*. Em seguida, procurando se explicar *"a pessoa que trabalha aqui tá viajando. Enquanto isso, tenho que assumir o lugar"*.

Antes de realizar os serviços de rotina de "office boy", exerce outras atividades na secretaria, *"datilografo, tô aprendendo a mexer no computador, faço serviço de banco, atendo telefone, faço um monte de coisas"*. Confessa que o pessoal na secretaria *"pega no pé"* porque ele liga para o "145", mas que no momento não tinha ninguém ali.

Já informado de que eu estava fazendo uma pesquisa e sabendo que estaria gravando o seu depoimento, disse ligar para o Disque Amizade" há três anos, e que já teve bastante *"rolo"* no "145", *"já aconteceu várias coisas"*.

Tem ligado nos diversos horários e: *"De manhã não tem quase nada. De tarde é um pouco razoável, entendesse? E de noite é um pouco mais pesado. O pessoal exagera um pouco no palavrão. ...Até eu já avacalhei. Poucas vezes eu avacalhei"*.

Perguntei novamente se o seu nome era mesmo Odilon e se tinha realmente vinte anos. Disse que sim, apesar de ser *"lei"* mentir no "145". Afirmou também fornecer seus dados verdadeiros: *"Eu sou a pessoa"*

que sou. Se não se interessa eu não posso fazer nada. Eu não gosto de mentir sobre mim", concluiu.

Confessou que já recebeu muitos "bolos" na "145". "Essa semana telefonaram aqui. Disse prá encontrar uma pessoa lá no Michelângelo, perto do Mac Donald's. Daí eu fui e não existia nenhuma pessoa com aquele nome. Já combinei de encontrar uma pessoa na Tenente Silveira mas a pessoa não apareceu. ... Um desconfia do outro. Todo mundo sabe que o "145" é um pouco de mentira, é avacalhação. Então o pessoal fica com medo".

Embora tenha recebido muitos "bolos", já teve também muitos "rolos". "Já fiquei com uma pessoa, namorei com ela. Já fiquei de rolinho com outra pessoa. Já veio homossexual atrás de mim querendo que eu fosse visitar o apartamento dele. Já vi coisas, assim, meio absurdas, de as pessoas, sabe? tá transando pelo telefone, entendesse? E eu tá escutando ... E parece bem real. Até orgasmo."

"Realmente", pensei, "parece bem real". Transar na linha particular é muito comum. Foram vários os depoimentos que admitiram fazer sexo por telefone. Mas, na linha pública, não imaginava que ocorressem com tanta frequência e isso se dá após as vinte e três horas, vinte e quatro horas, que é justamente o período em que não ocorre monitorização. Durante a pesquisa observei apenas um caso na linha pública, e foi no início da noite, vinte horas, aproximadamente.

Voltando aos "rolos" de Odilon, falou-me de um recente: *"Ainda tô um pouquinho de rolo com ela, entendesse? Não sei se vai dar certo. ...Faz uma semana. Já nos encontramos pessoalmente"*.

O encontro foi marcado no Terminal Urbano. Combinaram a plataforma e as roupas que usariam. Ana, dezessete anos, estaria segurando uma folha branca nas mãos para ser mais facilmente identificada. *"Tudo marcadinho. Direitinho"*. Foi ela quem forneceu seu número, apesar de de ser raro, segundo Odilon, uma mulher fornecer o seu número no "145". Mas foi assim que se deu. *"Eu pensava que fosse uma coisa um pouco melhor. Apesar de que beleza não põe mesa"*, afirmou Odilon em relação às expectativas que havia criado sobre Ana.

"Conhecer alguém através do telefone cria uma expectativa estranha, né?", continua. *"Fica mais excitante, fica um pouco mais estranho, né? Porque, meu Deus, que pessoa que eu vou esbarrar? ... Por telefone, quando chega próximo dela é uma coisa bem diferente, né?"*, comparou com as outras formas de encontro como danceteria, bar, entre outros.

c. "A voz dele me chamou atenção".

"*Como você é?*", perguntou-me, rindo, Marta ao telefone no dia em que lhe liguei para confirmarmos a data e horário da entrevista. A entrevista seria em sua casa no período da tarde, quando ela estaria sozinha. Com o marido e os filhos ausentes, poderíamos conversar mais à vontade. Além disso, tínhamos que combinar uma estratégia, disse-me, que justificasse a minha presença, um pouco estranha, em sua casa, objetivando dissimular para as vizinhas que frequentemente visitam-na naquele período. "*Sabe?*", disse-me, "*o meu marido me vigia muito*".

Rimos, contudo, da sua pergunta ao telefone, pois sabíamos que ela é normalmente feita no "145", e fundamental quando são marcados os encontros face a face. "*Como você é?*" e "*Com que roupa você vai?*" são perguntas que indicarão os sinais chave para a continuidade ou não da relação.

Vários foram os depoimentos, inclusive, que afirmaram ser muito mais interessante um relacionamento apenas por telefone do que se frustrar diante de uma imagem que "*não tinha nada a ver*". "*Cai fora na mesma hora*", "*Imaginei outra pessoa*", "*ainda bem que eu não fui com a roupa que eu disse que ia e assim ela não pôde me reconhecer*", "*tomei um susto quando a vi*", "*pela voz pensei que fosse diferente*" e "*eu acho que ela não foi porque eu fiquei esperando e não vi ninguém com aquelas característi-*

cas. Depois ela me ligou e disse que tava lá me esperando". Foram depoimentos frequentes em minhas entrevistas e que, de certa forma, traduzem a tensão que envolve tais encontros.

Cheguei até Marta através de uma amiga que conseguiu convencê-la a dar-me entrevista, já a sua história significaria muito para a minha pesquisa, até porque eu tinha apenas depoimentos masculinos e me interessava uma entrevista com uma mulher.

"Naquele tempo o "145" era uma mania um vício", disse-me, referindo-se à frequência com que ligava ao "Disque Amizade", há seis anos

Disse também que houve muitas mudanças no "145", de lá para cá. Naquela época existiam, segundo ela, grupos de encontro que se reuniam em apartamentos e casas dos usuários e em bares da cidade. Sabia que essas coisas aconteciam, porque conseguiu fazer amizades no "145" e vez ou outra era convidada a fazer parte dessas reuniões. Torres relata algumas experiências deste tipo em sua análise e descreve, inclusive, uma festa com cerca de oitenta convidados e que reunia usuários do "145" em chácara em Maringá. Analisa, neste aspecto, a possibilidade que o Disque-amizade cria, no sentido de ampliar a rede de relações sociais. Experiências deste tipo não me foram narradas durante a realização da pesquisa no período citado em Florianópolis. Marta disse também desconhecer a ocorrência deste tipo de evento, atualmente, afirmando mais uma vez que "o "145" mudou".

Afirma ainda que, em relação ao processo de nomeações, os pseudônimos, também, "*naquela época*", as pessoas se autodenominavam de outras formas. Por exemplo, o seu pseudônimo era "Batom", era assim que era reconhecida no "145" e não faltavam brincadeiras de caráter malicioso que remetiam a idéia de que estava "*na boca de todo mundo*", falando.

Em relação a esse tipo de denominação, com caráter metafórico, Torres ao abordar a identificação fictícia encontra um número bastante variado de pseudônimos: Leão, Framboesa, Zé Coiméia, Sardinha, Lagartixa, Caveira, entre outros, o que não ocorre atualmente em Florianópolis, onde os usuários ao manipular seus dados pessoais utilizam, processos de nomeação convencional.

Enfim, voltando à história de Marta, o fato é que o gasto com os impulsos chegou a despertar a curiosidade do marido, que descobriu na TELESC que aquele consumo dizia respeito ao "145". De "*consciência pesada*" a culpa foi atribuída em grande parte à sua filha, já que esta também ligava: "*Ela ia muito também no "145"*".

Foi naquele período que Marta, quarenta e oito anos, conheceu Carlos, dez anos mais jovem, e viveram uma grande paixão. Alegando problemas de coluna, estendia o colchão na sala e passavam a noite juntos: "*la das onze às seis da manhã. E daí, minha filha, noite inteirinha a gente ficava conversando. E aí a coisa foi, foi, sabe? A gente foi se excitando,*

sabe? Mas muito bom. Parecia que tava junto. Dava prá sentir o suspiro, o jeito de falar, ... Mas era tão bom, gurial! Mas muito gostoso mesmo.... Tinha um carinho antes, durante e depois. Eu era muito carente, ele também Ficamos assim um ano e pouco até que marcamos um encontro".

Combinaram anteriormente a roupa que vestiriam para facilitar o reconhecimento. *"Eu fui com a roupa que marquei e ele não. Depois ele disse que aquela roupa que ele ia tava molhada. Sei lá se era verdade".* O encontro foi marcado perto de um lugar em que ela poderia se "enfiá", ou seja, "se mandá" como ela própria frisou, caso na hora se arrependesse ou ficasse com medo.

Desconfiada que ele fosse negro, por causa dos lugares que ele dizia frequentar, entre outros dados característicos na voz: *"Eu só não esperava que ele fosse tão negro"*, disse rindo. Confessando não ser racista, assumiu que houve um impacto quando o viu: *"Era um tição, de tão preto"*. Nervosa e com medo: *"baixei a cabeça bem rápido e fui, fui, até que encontrei uma conhecida e comecei a bater papo prá distarçar. As pernas tremiam e o coração disparou"*.

Continuavam mesmo assim encontrando-se à noite ao telefone, embora ele tivesse ficado "puto da cara" com Marta. *"Agora, na hora do bem bom, era muito gostoso. A cor, a idade nada importava. Eu me sentia uma menina, uma adolescente esperando a hora dele ligar. Eu sabia pelo alô como ele tava, se tava bem ou não"*.

Porém, segundo Marta, aos poucos as coisas começaram a mudar depois que se conheceram. *"Ele queria mandar em mim. Queria que eu cortasse o cabelo, mudasse as roupas que eu usava. Queria mandar que nem meu marido"*.

Sabendo onde ela morava, ele passava às vezes na frente do caso só para vê-lo. Muito embora os encontros ocorressem apenas por telefone, percebeu que depois daquele dia as coisas começaram a "esfriar" entre os dois, até que não se ligaram mais.

"O bom era ficar assim mesmo, só na fantasia. Depois que se conhece a pessoa a fantasia se desmancha".

Os dois sabiam, também, segundo ela, que o relacionamento que construíram naquele período não romperia o seu casamento. Na realidade, era apenas um "caso", de acordo com Marta, uma mulher de classe média que, embora com os filhos "já criados" e um casamento de vinte e cinco anos não correria o risco de iniciar um novo relacionamento com Carlos, um vigia que não receberia o suficiente para lhe proporcionar os confortos a que estava acostumada.

"O casamento? Eu vou levando. Já estou acostumada. A minha relação com Carlos não mudou muita coisa. Não começaria hoje outra relação".

Mais adiante ela me disse que ele nunca havia lhe falado que era vigia, mas que ela desconfiava e depois confirmou com algumas pou-

cas especulações de uma amiga. Frisou, no entanto, com certa frequência, que ele era muito inteligente e malicioso, o que lhe gerava um certo ciúme, pois ela sabia, disse, que ele continuaria ligando para o "145".

Marta confessou que nunca esqueceu aquela voz e que preferia ficar com todas aquelas fantasias. Voltou a ligar outras vezes para o "Dis-que Amizade", porém a história que viveu com Carlos guarda de um jeito na lembrança prá nunca mais esquecer.

d. "Deixa eu te esquentar, deixa".

- *Aíô!*

- *Aíô!*

- *Oii*

- *Oii*

- *Quem fala?*

- *Aqui é Márcia.*

- *Fala de onde?*

- *Da Trindade.*

- *Trindade? Também tô na Trindade.*

- *Ah, é?*

- *Hum, hum.*

- *Com quem eu tô falando?*

- *Marcos.*

- *Marcos?*

- *Isso, ô Márcia, qué ligá prá cá?*

- *Pode ser.*

- *É 0100.*

- *Como?*

- *0100.*

- *O primeiro tu sabe, né?*

- 34 né?

- Não!

- 33?

- É.

- Tá legal.

- Val ligá agora?

- Ham, ham. Vou ligá agora.

- Qual é o número?

- 34-0100?

- Tá bom, tchau.

- Tá legal.

- Aiô!

- Oi.

- Oi.

- Marcos?

- Tudo bom? Quem é?

- Márcia.

- Oi. Tudo bem?

- Tudo certo.

- E aí, o que que tu faz?

- Eu estudo.

- *Estuda? Na Universidade?*

- *Isso.*

- *Ah, legal!*

- *E você?*

- *Também.*

- *Qual teu curso?*

- *Engenharia Elétrica. E o teu?*

- *Ciências Sociais.*

- *Que foi? (Pois ouviu um barulho estranho)*

- *Nada. (Na realidade, o que Marcos ouviu foi o barulho que fiz ao trocar o lado da fita no gravador)*

- *Hã?*

- *Não, eu só ajeitei uma coisa aqui ao lado do telefone.*

- *Tens quantos anos?*

- *Eu? Vinte e três.*

- *Ah, é?*

- *E você?*

- *Eu sou mais novo que você.*

- *É?*

- *Tem algum problema?*

- *Não, prá mim não e prá você, tem?*

- *Prá mim tudo bem.*

- *Tens quantos anos?*

- *Dezenove.*

- *Dezenove?*

- *Isso.*

- *Está em que fase da engenharia elétrica?*

- *Tô na segunda. Por que, tu não gosta de falar com cara mais novo?*

- *Não, prá mim é indiferente.*

- *É? Tu mora com quem?*

- *Moro com a minha irmã.*

- *Tua irmã?*

- *É.*

- *Onde é que tu mora?*

- *Na Trindade.*

- *Não. Perto de quê?*

- *Do Imperatriz.*

- *Do Imperatriz?*

- *Ham, ham.*

- *E a tua irmã?*

- *Minha irmã? Ela saiu com o namorado dela.*

- *Tu ficô sozinha?*

- *Ham, ham.*

- Por quê?

- Por que sim. Tá frio e eu não tava a fim de sair com eles.

- Hum.

- E você, tá ligando de onde aqui na Trindade?

- Eu não tô na Trindade. Tô na Seminha.

- Seminha?

- Sabe onde é que é?

- Sei.

- É, pois é.

- Voc...

- E...

Risos

- Fala você primeiro.

- Tu costuma sair?

- Claro!

- Onde é que tu vai?

- No CIC.

- Teatro?

- É, cinema, barzinho...

- Ah, sei.

- E você, costuma ir aonde?

- Por aí também.

- Hum, hum.

- Como é que tu és?

- Eu?

- É.

- Morena clara, um metro e sessenta e sete.

- Que mais?

- Vai perguntando.

- Gordinha?

- Não. Magra.

- Quantos quilos?

- Cinquenta e três. Entre cinquenta e dois e cinquenta e três.

- Bem magrinha, né?

- É.

Risos.

- Porquê? Você prefere gordinha ou magrinha?

- Eu? Não tenho que preferir, né?

Risos.

- Ou tenho?

- Sei lá. E como é que você é?

- Sou mais novo que tu (risos), um metro e oitenta e seis, setenta e cinco quilos, cabelos pretos, ondulados e castanhos.

- Hum.

- *Teu cabelo é preto?*
- *Ham, ham. Teu cabelo é curto ou comprido?*
- *O meu? É comprido. Quer dizer, era, eu raspei.*
- *O que você gosta de fazer?*
- *Eu gosto de sair. Um monte de coisa. E tu tem cabelo comprido?*
- *Médio.*
- *Onde é que bate?*
- *Deixa eu ver... até o ombro.*
- *No ombro?*
- *Então tá curto. Preto?*
- *Castanho claro.*
- *Liso?*
- *Não. Ondulado.*
- *Tu faz algum esporte?*
- *Eu fiz durante algum tempo dança.*
- *É. Que dança? Balé?*
- *Dança moderna.*
- Risos.
- *Tu é bem magrinha, né? Bem levinha, né?*
- *Hum, hum.*
- *Cinquenta e três, né? Perna fina?*

Risos.

- Certo?

- Mais ou menos.

Risos.

- Tu deve ter aqueles corpinhos magrinho, né?

- E você, gosta de dançar?

- Não. Gosto de ver.

Risos.

- Mas sai prá dançar também?

- De vez em quando. E... cadê o teu namorado?

- Tô sem namorado agora.

- É? Por quê?

- Porque, porque acabou.

- Acabou quando?

- Acho que deve tá fazendo um mês.

- Um mês?

- E você, tem namorada?

- Não.

- Você liga sempre para o "145", Marcos? É Marcos mesmo o seu nome?

- Não, é Fabiano. É, de vez em quando. Sei lá, quando é chato ficar sozinho daí eu ligo.

- Tá em casa?

- Tô, minha mãe saiu. É a tua irmã, ela que saiu, né?

- É.

- Ela tem quantos anos?

- Eu sou três anos mais velha que ela.

- Tem vinte. Ela estuda?

- Ela tá preparando para o próximo vestibular. Vai tentar Medicina.

- Hummm.

- Você é daqui mesmo de Florianópolis?

- Não, São Paulo. Tu gosta de praia?

- Ham, ham. Curto.

- Vais em que praia?

- Na Mole, Moçambique, conhece?

- Tu gosta de usar biquini ou maiô?

- Biquini.

- Pequeninho?

Risos.

- É.

- E, que mais? Tu deve tá querendo falar com um cara mais velho, né? Eu sô muito novinho.

- Não, prá mim não tem problema, a não ser que tu queiras

falar com uma gata mais jovem.

- *Não, é que eu queria conversar e conhecer alguém.*
- *Tu nunca conhecestes alguém pelo "145"?*
- *Não.*
- *Eu também não. Que é curioso é.*
- *Sei lá, é que eu acho que de repente contigo eu acho que não vai dar certo, né?*
- *Por que tu falas assim?*
- *Não sei, eu acho que tu não vai querer me conhecer.*
- *Tá ligando prá arrumar namorada ou só prá conversar?*
- *Sei lá, prá conhecer alguém. Por que, hein?*
- *Sei lá. Curtes som?*

E falamos sobre algumas bandas, o que gostamos de ouvir.

- *Como é que tu te veste?*
- *Como assim?*

Em seguida pergunta novamente, sobre o meu corpo, se a perna é fina, se tenho muita ou pouca bunda.

- *Tá perguntando muito, cara! (Retruquei). Fala mais de ti.*

Disse que praticava esporte e conversamos sobre fisiculturismo, musculação e, vez por outra, retornava a perguntas sobre o meu corpo e de um jeito cada vez mais malicioso. Disse também que se eu quisesse

vê-lo teria que ser naquele final de semana, pois com as férias no universidade iria viajar, ver o pai que mora em São Paulo.

- E aí? Tem hoje e amanhã prá me ver, se quiser.

- Ah, não sei.

Mudei de assunto, perguntando-lhe sobre o bairro em que mora, se morava em casa ou apartamento, com quem morava, entre outras questões.

- Então, queres me ver ou não? (Insistiu)

Risos.

Em seguida, perguntou-me, mais uma vez, sobre a roupa que eu estava usando e se estava sozinha mesmo, pois ouvia ruídos de fundo. Disse que eu estava sozinha e que as vozes que ouvia eram da televisão que estava ligada.

- E a calcinha? (Perguntou mais adiante)

Risos.

- É de rendinha? Como é? (Insistiu novamente)

Tentei desviar o assunto, mas como Fabiano retomava frequentemente as questões desse tipo, resolvi entrar em seu jogo para perceber

até onde tal conversa iria. Vez ou outra ria de mim mesma e do teatro que conseguia criar. Permiti-me ficar à deriva das perguntas que realizava sem demonstrar resistências. Afinal, pensava, ele próprio jamais iria saber que a minha participação naquele tipo de interação era uma estratégia, cujo objetivo era coletar dados e conteúdos referentes a linha privada. Não haveria outro modo que não fosse a fala participante. De acordo com a problematização, que fiz anteriormente, sobre aspectos relativos à ética, sentia-me à vontade para desempenhar diversos papéis, sem identificar a autoria exata da minha voz.

- É pequeninha?

Percebia que Fabiano, a cada pergunta que fazia, demonstrava estar cada vez mais excitado. Fabiano respirava forte junto ao telefone e buscava provocar-me com suas perguntas cada vez mais maliciosas e ousadas até o momento em que me convidou para transar pelo telefone.

- Você já fez isso?

- Não. (Respondi-lhe). Quer me ensinar? Disse logo em seguida acreditando que não poderia perder aquela oportunidade para compreender melhor as potencialidades da voz em uma interação que não é face a face. Mesmo que procurasse me conter, escapavam-me alguns risos durante o diálogo. Intrigado, em alguns momentos, com o meu silêncio,

Fabiano insistia em criar estímulos através de descrições da situação em que se encontrava, sua roupa, seu corpo e seu tesão.

Deitado em um sofá, segundo ele, masturbava-se ao telefone com as imagens que pouco a pouco eram construídas em uma relação que admitia ser "segura" se comparada a uma relação tradicional, e com os riscos que correria com a possibilidade de adquirir AIDS, por exemplo.

Preocupava-me, contudo, em como transcrever, posteriormente, a fita com a gravação que trazia, além de suspiros e gemidos, expressões que, acredito, correriam o risco de transformar este texto em uma *pomo-etnografia*.

Preocupava-me, ainda, com a minha participação e o papel que assumia na interação que, além do desafio e inseguranças, traziam à tona questões relativas ao "mito do antopólogo assexuado", quando percebia que, por mais que fosse desenvolvida a idéia de estranhamento, Fabiana vez ou outra, conseguia me envolver em seu jogo sedutor.

Porém, mais adiante:

- Espera um pouco. Eu acho que é a minha mãe que tá chegando. Eu vou ter que desligar. Deixa o teu número comigo que eu te ligo quando voltar de São Paulo.

- Não, eu não posso passar o meu número. Qualquer coisa eu te ligo. Tchau.

- Tchau.

e. "Já teve até homem oferecendo a mulher dele prá mim".

- Alô!

- Oi!

- Tudo bem?

- Tudo bem.

- Qué ligá prá mim?

- Qual o número?

- Qué ligá prá mim?

- Pode ser.

- 00-0007.

- 00-0

Sem dar tempo para eu repetir o número, pretendendo verificar se havia anotado corretamente, saiu imediatamente do "145" e certo de que eu lhe ligaria logo em seguida.

- Alô!

- Oi!

- Tudo bem?

- Tudo certo.

- Quem tá falando?

- Hã?

Vacilei por alguns instantes, não sabendo ao certo se me apre-

ria como pesquisadora logo no início de nosso diálogo ou se prosseguiria um pouco mais "camuflada" para perceber melhor as especificidades da linha privada.

- *Fernanda. E quem está falan*

Minha pergunta não se completou, quando ele falou:

- *Solteira ou casada?*

- *Solteira. Quem está falando? (Adiantei-me rapidamente).*

- *Felipe.*

- *Tá falando de onde?*

- *Do meu apartamento, da minha casa (disse vaciando um pouco). Casa e apartamento conjugados. (Concluiu).*

- *Hum.*

- *Você, tá falando de onde?*

- *Tô falando de casa, também.*

- *Sozinha?*

Felipe tem uma daquelas vozes pausadas, aparentando alguém muito tranquilo e sugerindo ter cerca de quarenta a cinquenta anos de idade. Lembrava-me das observações realizadas pelas monitoras que, ao tentarem classificar e caracterizar os diversos tipos de vozes que surgem no "145", elaboram imagens procurando identificar as suas autorias. A voz de Felipe, neste sentido, lembravam-me a de um locutor de rádio. Percebia que me deixava um pouco intranquiia e nervosa. Parecia que estava sendo

"cantada" constantemente.

Avançamos um pouco mais no diálogo, e foi quando me perguntou, "*E a boneca, tem namorado?*", que me apresentei como pesquisadora. Concordou em me conceder a entrevista e conversamos sobre suas motivações e experiências em relação ao "145".

Percebi que respirou fundo antes de concordar com a entrevista. Aparentou uma certa surpresa, quando lhe revelei ser pesquisadora mas, buscava mesmo assim, preservar a tranquilidade e aquele tom pausado em sua voz. As mudanças, neste aspecto, foram muito sutis em seu modo de falar.

Afirmou ser "*autêntico*", quando disse assumir o seu próprio nome no "145", embora a maioria das pessoas não fizesse isso. Empresário, quarenta e dois anos e divorciado, disse ter ligado apenas cinco vezes, "*com aquela*", para o "145" e que, naquela tarde: "*É porque eu peguei minha lancha, fui dar uma volta, daí tava muito frio. Guardei a lancha, fui tomar umas e tal, daí fui dar uma ligadinha para o "145" prá ver se encontrava alguém interessante prá conversar. ...Tipo assim, quando eu não tô a fim de sair e tal. ...Isto ocorre de quinze em quinze dias, uma vez ao mês e, hoje, foi um desses dias.*"

"*Faz uns cinco dias que eu tô ligando. ...Cruzei com muito homem com muita bicha. ...Como, como dá, né?*" Perguntei como ele sabia se eram "bichas" mesmo. "*Porque*", respondeu-me, "*só quer falar com ho-*

mem, né? Daí que pegá meu telefone, daí eu digo, sai dessa. ...Eu digo, fica na tua'.

Indaguei se já havia conhecido alguém através do "145". "Sim, claro!" Pedi para falar sobre essa experiência e: "É meio picante, pode? ...Rolou um papo gostoso de como é que tu é, como é que eu sou, como é que tu não é, o que eu quero, o que eu não quero e vamo se encontrar e aí terminou no meu apartamento, no dela ou no motel. Como experiência valeu, né? Não foi uma coisa duradoura, mas valeu. Valeu a experiência. Conheci muita gente boa no "145".

Fiquei pensando que, realmente, ele não poderia ter ligado apenas cinco vezes para o "145" "com aquela".

Prosseguia com aquele excesso de gentileza e adjetivos que eu considerava dispensáveis: "Existe hoje, minha querida e perfumada amiga, uma gama muito grande de pessoas que querem se conhecer e têm, é, uma carência muito grande de afeto e, quando pega uma pessoa que a trata bem e conversa bem... São dois pólos que se ligam imediatamente. ...Então você pega uma pessoa que conversa bonito contigo e tal, que é bonita e, às vezes é, realmente. Aliás eu conheci uma mulher que quando falou que era bonita e ela era linda. Normalmente, quando no "145", todo mundo procura uma coisa, uma afinidade, e, ao final, uma transação sexual".

"Queres tomar um vinhozinho comigo?", disse-me mais adiante,

possivelmente duvidando do meu papel de pesquisadora. Talvez pensasse que fosse, como observei em outras entrevistas, uma estratégia discursiva criada por mim pra me aproximar de alguém no "145".

Agradei o convite e sugeri que continuássemos com a entrevista: *"O que ocorre, minha jovem, querida e perfumada amiga, por telefone a gente conversa, marca um encontro, aquele encontro sem compromisso nenhum. Normalmente dá certo. Quando são pessoas já com a cabeça feita não há comprometimento nenhum. ...Se houver o "click", tudo bem.*

Afirmou também que nunca recebeu "bolo", mas que já deu "por circunstâncias profissionais e tal. Até porque, na continuação da conversa a pessoa não ia ser aquela pessoa que eu queria. Prá mim não ser deselegante eu digo, eu vou, mas não fui. Às vezes, até foi covardia minha. Não devia ter feito isso, mas fiz. É coisa de cada um, né?".

Perguntei sobre a situação em que ele fornece o número particular de telefone: *"Quando tem uma voz bonita que nem a tua, eu dou. ... E daí, você é bonita? Como é que você é? Comecei, hein? ...É bonita? Não, eu quero saber se é bonita ou feia. Se for feia eu já desligo. Eu só gosto de mulher bonita",* insistiu maliciosamente e rindo, aproveitando-se do momento em que me perdi na entrevista. *"Perdesse a linha?",* provocou-me novamente.

Perguntei, aproveitando-me da malícia daquele momento, se já

havia transado por telefone: *"Não, minha querida. Eu gosto de fazer isso ao vivo e a cores"*. Ironizando, continuou, *"O cara tem que ter um pau muito grande prá passar por esse fio todo"*.

Procurando desfazer-me daquela situação, indaguei sobre sua profissão. Falou-me sobre sua atuação em programa de rádio, o que me confirmava aquela voz típica, que não ia mais para o ar, atualmente, *"Você é muito jovem"*, disse, *"para lembrar"*.

Aproveitando o *"gancho"*, disse-lhe que já que vínhamos de uma mesma área, comunicação, solicitei-lhe que falasse mais sobre as potencialidades da voz e o processo de construção da imagem do "outro", em uma interação que não conta com os demais elementos suportes da fala.

Resolveu, então, fazer uma brincadeira comigo e construir uma imagem a meu respeito: *"Eu te acho uma mulher de um metro e cinquenta e cinco a um metro e sessenta e cinco. É magrinha. Não é morena, nem loira. Tu é morena clara, bonitinha. Não chega a ser uma divindade, mas é uma mulher bonita"*. Fiquei surpresa com a sua descrição, pois em alguns pontos ela conferia.

"Interessante", continuou, *"que tem pessoa que tem voz maravilhosa, mas não são. No cômputo geral, a voz identifica muito a pessoa. Tu, por exemplo, é uma pessoa que não sabe mentir. A tua voz é o que realmente tu és. ...Tu não és mais ou menos isso que eu falei?"*, perguntou-me.

Silenciei, por alguns instantes, e disse que conferia, em parte. *"E como é que tu acha que eu sou?"*, prosseguiu.

Troquei de assunto, procurando fugir ao seu jogo, e insisti para falar mais sobre a voz. *"No momento eu tenho apenas a voz. Nada é concreto, é final. São suposições. ...Conheci cinco pessoas. Duas que realmente não tinham aquelas conotações que eu tinha colocado. Uma, as construções que eu tinha colocado eram, realmente, baixíssimas e outra, pelo contrário, num plano médio, eram maiores e as outras três, mais ou menos o que eu tinha pensado, bonitas e gostosas"*.

Indaguei a respeito dos horários em que costumava ligar: *"Minha jovem, querida e perfumada amiga"*, disse, *"eu não tenho horário. Às vezes, eu ligo é à noite, quando chego de viagem, quando eu não quero sair com meus amigos, com as amigas que eu tenho também. Daí eu sento aqui, vou tomar um uísque e digo, vou ligar para o "145". E dá tanta coisa, sabia?"*.

Perguntei, o que é que dá no "145"? Respondeu-me: *"Dá homem oferecendo mulher, uma porção de coisa, sabia disso? ...Já teve homem oferecendo a mulher dele prá mim. A verdade é que eu não fui lá ver. ...É porque a mulher dele gostava de homem bem dotado e, realmente, sou. Não fica interessada não, hein? Escuta,"* prosseguiu maliciosamente, *"eu só continuo conversando contigo se tu me dizê como é que tu é"*.

Mas você já falou, disse-lhe. Perguntou quantos quilos eu tinha,

então eu respondi, cinquenta e três. *"Tens um corpo bonito"*, comentou.

"As vezes ligo só prá ouvir. Dá muita sapatona. Bicha tem um monte. Tem aquela mulher que diz que tá nuazinha na cama. O marido tá embriagado, tá aqui no lado, ela diz. Aí eu conto como é que a gente é, e tal. Daí ela faz ele falá no telefone prá comprovar que realmente tem um homem no lado dela".

"Tem aquela mulher", cantlnua descrevendo o "145", *"que tem a fantasia de enganar o marido mas que nunca teve a coragem e então trai ele pelo "145". Tem aquele cara que tem vontade que a mulher dele transe com um outro homem, mas não quer que ela transe, daí põe ela no "145". Faz com que aquela fantasia com que ele tinha na cabeça. Como não houve nada físico, daí ele pensa que se realizou"*.

Lembrei, enquanto isso, que há algum tempo atrás, um amigo comentou comigo que um homem insistia, ligando-lhe constantemente, que transasse com sua mulher pelo telefone.

"Sintetizando", concluiu antes de encerramos a entrevista, *"no cômputo geral, é uma maneira que as pessoas têm prá se comunicar. ... Tu vai notar que tem muitas pessoas que não teriam coragem de enfrentar uma cara a cara, daí usam o "145" prá conversar. Às vezes têm pessoas que não são fisicamente bem dotadas. Felizmente não é o meu caso. Desculpe minha falta de modéstia"*.

Em seguida, agradei a entrevista e, como não poderia deixar de

ser, Felipe disse, para finalizar: *"Se quiser ligar outro dia prá mim, estou à sua inteira disposição"*, concluiu maliciosamente.

f. Emaranhada na linha: pensando as armadilhas do campo

Pretendo, neste segmento, refletir sobre as experiências ocorridas em campo, aproveitando-me de uma, em especial, que me colocou diante de problemas oriundos da relação sujeito-objeto e onde procuro apresentar algumas conclusões a este respeito.

Certa manhã, próximo do meio-dia, resolvi ligar para o "145", com o intuito de observar o movimento naquele horário. Havia poucas pessoas na linha. Vez ou outra alguém "*entrava*" e dizia "*alô*". Não havendo retorno, "*saía*" imediatamente. Começava a desistir da observação, quando um "*alô*" dito por um homem foi correspondido por outro pronunciado por uma mulher. Dizia chamar-se Isabel. Carlos imediatamente pergunta se ela quer ligar para ele e, depois de um breve silêncio, ela responde que não. Carlos desliga e Isabel parece continuar sozinha no grupo. Aproveito a oportunidade para iniciar uma conversa, com o pretexto de convidá-la para uma entrevista, já que sentia dificuldades em conversar com mulheres no "145".

Correspondendo ao meu *alô*, disse-me seu nome, lugar de onde estava ligando e, com receio de não prosseguir a interação, adiantei-me identificando-me como pesquisadora e lhe solicitei uma entrevista, assegurando-lhe preservar a sua verdadeira identidade. Ficamos atentas para verificar se havia mais alguém no grupo, e assim cedeu o número de seu tele-

fone.

Combinamos que eu lhe ligaria após o almoço, quando estaria sozinha pois, desta forma, poderia "*falar mais à vontade*", segundo ela, sem a presença de seus filhos em casa.

Às treze horas, com o gravador à mão e algumas questões anotadas previamente, liguei para Isabel reconhecendo a importância que teria para a minha pesquisa aquela entrevista.

Apresentei-me, esclarecendo mais detalhadamente meus objetivos e solicitei que falasse um pouco a seu respeito, dados inicialmente mais gerais como idade, profissão, estado civil, entre outras questões apresentadas formalmente no início de uma entrevista.

Conforme Isabel ia desenvolvendo suas respostas, dona de casa, quarenta e três anos, percebia que pouco a pouco transformava aquele momento em um grande desabafo sobre a sua vida. Ouvia atentamente sua história que falava sobre sua viuvez recente, suas carências, a saudade do marido e da vida que tinham juntos. Falava-me do casal de filhos adolescentes e das dificuldades em criá-los nos dias de hoje.

Disse-me não ligar para o "145" para "*procurar homens*", mas sim para "*trocar idéias*", "*falar da vida*" e assim me relatou em detalhes a morte do marido e seus últimos momentos junto a ele.

Enquanto seu depoimento avançava, sempre carregado de lembranças e nostalgia, inquietava-me o papel que eu assumia na relação. Se-

riam essas as miçangas de que nos fala a antropologia clássica, que nos chama a atenção para o universo das trocas que ocorre na relação sujeito-objeto? Neste caso, a recompensa poderia ser a minha disposição em ouvi-la? É Schwad (1992, p. 46) que, ao relatar a sua experiência em campo em um assentamento de trabalhadores rurais, refere-se ao complexo universo das trocas, os tais "espelinhos", no seu caso específico como sendo as trocas de informações e o simpatia pelo projeto do grupo estudado.

No entanto, indagava-me também sobre a autoridade do pesquisador frente ao nativo. Tratava-se de uma autoridade, de um tipo de poder que rompia quanto mais tênue fosse a fronteira entre o ouvido amigo e a pesquisadora.

Isabel confidenciava-me coisas de sua intimidade e de seu dia-a-dia descontraidamente, como se o fizesse para uma grande amiga, ou, ainda, aproveitava-se da situação de anonimato, mesmo que relativo, para falar sobre questões que sequer apresentaria para alguém mais íntimo.

O fato é que eu, durante o seu depoimento, não conseguia escapar ao controle e poder que ela desenvolvia e exercia sobre a interação. Acostumada a desvencilhar-me de processos semelhantes onde o entrevistado pretendia desconstruir a relação de poder, principalmente durante as entrevistas com homens, coiocava-me, agora, diante de uma situação nova.

Curiosamente encontrava dificuldades em desarmar um discurso

construído por uma mulher. Digo isto pois minhas maiores preocupações e fantasias tinham a ver com o discurso produzido pelos meus entrevistados homens. Tratava-se de discursos onde o jogo da sedução estava melhor explicitado e onde me sentia mais alertada e preparada para "a questão da soberania do antropólogo frente aos nativos" (BUFFON, 1992, p. 66). Situação semelhante foi vivenciada por Buffon em seu estudo sobre uma tribo masculina de camadas médias.

Houve um momento em que cheguei a desligar o gravador pois não conseguia perceber mais aquelas informações como relevantes na investigação. O que se tornava relevante, isto sim, era o tipo de interação na qual me envolvia e que apresentava questões ótimas para se pensar a relação em campo com o objeto.

Foram cerca de duas horas, mais exatamente, duas horas e quinze minutos, de um longo depoimento cheio de detalhes, em que apenas Isabel falava, discorrendo sobre aspectos de sua vida, e criando, ao mesmo tempo, projetos para nos encontrarmos e conhecer-nos melhor posteriormente e, por fim, agradecia ao fato de ter encontrado uma grande amiga.

Sentia-me, às vezes, constrangida diante de suas expectativas, que não coincidiam com as minhas, pois avaliava aquela situação enquanto um fracasso na minha participação enquanto, pesquisadora, pois encontrava dificuldades em "dominar" a interação. Justificando estar atrasada

para um compromisso na universidade, aos poucos criei condições para finalizar a nossa conversa.

Insatisfeita com a minha atuação, pus-me a refletir sobre a experiência e a compará-la com as outras, pois esta demonstrava uma certa atipicidade em relação às demais situações observadas, na medida em que Isabel, e as suas motivações indicavam isto, procurava, realmente, alguém *"para trocar idéias"* e *"falar da vida"* e, posteriormente, ampliar sua rede de relações sociais com uma amiga que encontrou no "145".

A relação com Isabel, porém apontou-me para aspectos importantes sobre o trabalho de campo, como a imprevisibilidade do campo, as situações limites, as suas armadilhas e, conseqüentemente, a questão das relações de poder em campo.

Na realidade, o que eu estava experienciando com Isabel, e era isso justamente que me causava um certo mal-estar, foi o fato de Isabel inverter os pólos de poder. De "sujeito" passei a ser "objeto" e de "objeto" Isabel virou "sujeito". Tal inversão demonstrou para mim que estes papéis não são apropriações absolutas de um ou outro personagem, e que o poder se desloca, assume várias formas, não é como tão bem nos coloca Foucault, propriedade de alguém, entendendo-o antes como o efeito de uma relação de forças.

A questão que se coloca aqui, é, portanto, de entender a relação em campo entre "objeto" e "sujeito" enquanto uma relação de poder e a ne-

cessidade do pesquisador pensar e questionar esta relação nos momentos em que ela ocorre e o campo é, em meu entendimento, um "locus" por excelência de onde emerge esta relação.

Esta experiência demonstrou para mim que esta relação se dá através de um jogo cujo resultado, de acordo com Caldeira, depende da ação tanto do pesquisador quanto do pesquisado e onde:

"Tudo pode acontecer, desde a produção de um discurso absolutamente fantasioso, mas que não é tão fantasioso assim, na medida em que pode estar sendo dito o que se julga que é conveniente falar até a produção de um discurso absolutamente "verdadeiro"" (CALDEIRA, 1981, p. 337).

Neste aspecto, chamo a atenção aqui para os mecanismos que o "outro" pode assumir e desenvolver no sentido de conduzir a relação de acordo com seus interesses. Relativizo, deste modo, a idéia de passividade, corroborando com a idéia de que se operam no campo, e em diferentes níveis, relações de poder contaminadas por interesses de várias ordens, nem sempre decifráveis em um primeiro momento.

Concordo ainda com a crítica de Salazar que, ao argumentar contra os pós-estruturalistas, afirma que:

"... novas formas de escrever e representar (como por exemplo a utilização de uma estrutura narrativa não-linear, de um anti-realismo, de uma auto-reflexão e assim por diante) não garantem a transformação das relações de poder no campo" (SALAZAR 1991, p. 05).

Muito embora a ordem de acontecimentos em campo e na produção da narrativa etnográfica seja entendida, conforme coloca ainda a autora, enquanto "duas atividades paralelas" (idem) por apresentarem especificidades, acredito que a relação entre esses dois momentos não se dá sem conflitos e sem problemas.

Operam, deste modo, nestas duas instâncias, campos de correlações de forças distintos. Na passagem de uma atividade a outra, do campo à confecção do texto etnográfico, creio que o pesquisador se inscreve em um outro tipo de posição de poder quando este rearticula, edita, seleciona, interpreta e representa o "outro".

Chama-se, deste modo, atenção para a posição de poder em que se inscreve o pesquisador, em campo e no texto, onde, muito embora, ocorram subversões a esta posição, é possível se questionar até que ponto sua autoridade possa realmente ser desconstruída.

CONCLUSÕES

O objetivo fundamental deste trabalho foi, através do estudo de um caso específico de interação social, chamar atenção para as novas e diferentes formas de sociabilidade que emergem nas sociedades complexas. A análise empreendida do "Disque Amizade" de Florianópolis, embora não pretenda recorrer a generalizações, pois trata do estudo de uma realidade muito particular, com especificidades próprias e relativas ao contexto sócio-cultural em que é produzida, remete, acredito, à problematizações já intensamente colocadas sobre a dinâmica destas sociedades.

Quando me refiro ao contexto, procuro dar ênfase à base social e à dimensão cultural em que as falas são produzidas, bem como às relações específicas que foram construídas entre a pesquisadora e os sujeitos observados.

Concordo com Velho (1987), que alerta para o risco do antropólogo, ao analisar uma determinada forma de expressão, de sociabilidade ou grupamento social na sociedade complexa, percebê-la enquanto uma instância autônoma, independente e sem vínculos com o universo mais amplo. Nesta perspectiva, não há como perceber o tipo de interação que ocorre no "145", enquanto uma realidade isolada.

Os tipos de encontros e de personagens analisados neste trabalho inserem-se em uma complexa rede de interações sociais e, por isto, em uma teia complexa de significados, por onde são compartilhadas codificações que ora se apresentam pela via do conflito, da harmonia, da justaposição e complementação de desejos e de representações de mundo.

Estão presentes no "145", neste sentido, elementos organizadores do mundo, identificados em outros níveis do social em que se expressam, através de formas específicas, seja conformando-se, seja rompendo ou reinventando os regimes de verdade dominante. Espaço de intensa circulação e experimentação de afetos, lazer, voz, de identidades e, porque não dizer, do político, da cidadania por onde a palavra jorra livremente.

A palavra, o identidade, migro, desliga, é "derrubada", reiiigo-se em devires constantes através de uma forma de existir socialmente que escapa, flui, esconde-se e se revela. Se, por um lado, são criadas novas formas, novas abstrações tecnológicas que articulam e cooptam os desejos, por outro lado são criados meios que o recodifiquem e a reelaborem continuamente, naquela perspectiva que nos coloca Foucault de que onde existe o poder há o contra-poder.

Foi possível observar, durante o processo de investigação, que embora o sistema estudado procure conferir limites às conversações, estabelecendo um padrão de conversação regulado por personagens que atuam de uma forma praticamente "invisível", as faixas se multiplicam e

subvertem tais ordenamentos, criando e recriando suas necessidades.

É de novas trajetórias sociais que trata este estudo, ao mesmo tempo em que procura abordar a possibilidade de invenção de novas trajetórias teórico-metodológicas para abordá-las. "O futuro de nossas disciplinas depende", nos diz Maffesoli, "de nossa capacidade de saber dar conta dessa agitação" (1987, p. 102).

O mesmo autor, ao se referir a um tipo de agitação específica que ocorre no mundo contemporâneo afirma que estão presentes justamente aí os novos tipos de sociabilidade, ou segundo ele, socialidade, que caracterizam os nossos dias. Diferentemente da estabilidade, fixidez territorial e homogeneidade, aspectos salientados na análise do tribalismo clássico, o neo tribalismo de que nos fala Maffesoli, caracterizaria-se mais pela fluidez, pela dispersão, por ajuntamentos pontuais, por um tipo de encontro denominado por Hocquenghem-Scherer como "condensações instantâneas", marcado por forte envolvimento emocional.

Ao contrário do que muitas análises procuram demonstrar, não estaríamos diante de um processo crescente de atomização, mas sim diante de novos fluxos sociais, que apontam para distintas e diversas possibilidades de trajetórias de experimentação do coletivo. Os papéis se multiplicam, se entrecruzam, criam-se novos personagens e cenários, reinventam-se continuamente os gostos, os sentidos, os gestos e as possibilidades de encontro e desencontro com o "outro".

Esta "propensão ao reagrupamento", caracterizada por Maffesoli como "impulsão à socialidade", é a "matriz fundamental que engloba e anima o conjunto da vida cotidiana" (1987, p. 113) e que assegura o investimento na obra social onde o "estar-junto" e, não raro, acrescento, à toa, segundo ele, é um dado extremamente significativo.

O impulso, que equivale a um minuto na utilização do sistema, poderia ser caracterizado, ainda, enquanto uma atitude que insere o sujeito em um cenário onde atuam personagens com papéis diferenciados. Suas falas, mesmo que silenciosas e mudas, gesticulam e colaboram para a encenação de mais uma peça. Personagens entram e saem de cena e desempenham com convicção seus papéis, não importando mais saber onde termina a realidade e começa a ficção, pois o objetivo fundamental que é, ao que tudo indica, participar do espetáculo, foi alcançado.

Neste aspecto, creio, estamos diante, contemporaneamente, de novas peças em que são experimentados e vivenciados novos tipos de dramaturgia. O surgimento destes novos ordenamentos dramáticos, dessa agitação que caracteriza os nossos dias, onde os personagens se multiplicam ao mesmo tempo em que se capacitam cada vez mais a desempenhar diversos papéis, a atuar em diversos palcos, conduz, inevitavelmente ao surgimento de novos tipos de olhares sobre a realidade.

A realidade apresenta-se, nesta perspectiva, multifacetada. "Não é possível continuar pensando o sujeito enquanto sujeito unitário, mas en-

quanto segmentado, fundido por segmentações binários e por fluxos moleculares" (1988, p. 08), nos diz Perlongher, ao se referir às múltiplas redes de sociabilidade de que o sujeito participa.

Importa recuperar aqui o debate em torno da teoria da identidade e as suas potencialidades no sentido de nos auxiliar a pensar a dinâmica das sociedades contemporâneas e, em nosso caso, mais especificamente, entender o que venho denominando de migração de projetos de identidade onde o mesmo sujeito representa personagens distintos, dependendo do processo interativo em que atua e da rede a qual se vincula.

É Guillermo Rouíl Ruben (Ruben, 1988) que precisa as três circunstâncias históricas nas quais a teoria da identidade desempenhou um papel, segundo ele, "crucial" (p. 75): a Alemanha em fins do século XVIII e início do século XIX, com contribuições decisivas de Hegel, os Estados Unidos das primeiras décadas do século XX através de George Herbert Mead, e a recuperação pelas Ciências Sociais da noção de identidade sob a perspectiva das multiplicidades representada, entre outros autores, por Guattari e Deleuze.

Diferentemente das versões clássicas, que definiam o "outro" pela unidade, semelhança e pela minimização das contradições e do conflito, a versão atual, mesmo que considerada provisória por Ruben e caracterizado como pós-moderna, aponta para o processo de descentralização do "outro", que valoriza a singularidade dos indivíduos e a multiplicação de

identidades presentes em uma mesma sociedade. Neste sentido, a noção mais recente de identidade pretende justamente dar conta e privilegiar as diferenças, os contrastes, as multiplicidades e diversidades dos conteúdos sócio-culturais.

Não se está, neste sentido, tratando de algo mensurável, propriedade de alguém ou de um grupo, uma totalidade cadastrável. Tal perspectiva põe em questão o ofício do etnólogo que, ao pretender circunscrever grupos, indivíduos, coisas das mais variadas espécies, não conseguir ir além do contexto (tempo / espaço do sujeito que inscreve e do sujeito que é inscrito). Qualquer tentativa de demarcação, qualquer sistema de nomenclatura e denominação é resultado de um processo relacional entre o eu e o "outro". A identidade transforma-se, deste modo em um projeto transitório, negociável, cuja duração e reconhecimento é, acredito, impossível apreender na totalidade, tratando-se antes, de uma representação situacional.

Na perspectiva de que os projetos de identidade migram e constroem-se circunstancialmente, recupero também a noção de "região moral" de Park e a forma como foi trabalhada por Perlongher em seus estudos na cidade sobre territorialidades marginais. Assim como Perlongher, este estudo trata de um "pedaço" da cidade, uma "esquina eletrônica", segundo Torres (1990, p. 24), onde as trajetórias são construídas mais pela "comunhão de desejos", "vícios" e "temperamentos" (Perlongher, 1988, p. 07).

Não há também em nosso caso uma fixidez residencial, mas um deslocamento contínuo, uma territorialidade flutuante que se encontra e desencontra nos linhas. Não há como realizar um olhar espacial nos moldes clássicos da visão de espaço o que nos sugere, de certa forma, a existência de um certo nomadismo na ocupação das linhas e das interações que ali são construídas.

É pertinente, neste aspecto, a idéia de "região moral" que rompe com a noção de uma sedentarização espacial e nos coloca diante de trajetórias e fluxos sociais que escapam às tentativas de cartografias dominantes. Afinal, quem fala?, qual seu endereço?, como você é?, tentativa de circunscrição, de mapeamento e codificação que resultam em respostas, campos de fuga e tentativas de escape através da manipulação e alteração significativa do endereço e autoria do voz, que ora se conecta aos regimes de verdade dominante, ora se conecta à estratégias de subversão e rompimento destes mesmos regimes.

É importante, ainda, que se relativize, conforme destaca Velho ao problematizar indivíduo e cultura, projetos e campos de possibilidades, a noção de projeto individual, considerando, justamente com o autor que:

"o projeto não é puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos do própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes" (VELHO, 1987, p. 27).

Por outro lado, reforça-se também a idéia de que os projetos mudam, são dinâmicos e contribuem para a redefinição e transformação destes campos de possibilidade.

As experiências narradas e observadas durante a pesquisa revelam, neste sentido, aspectos significativos da dinâmica de nossa sociedade que apontam para situações de redefinição destes campos de possibilidades a que se refere Veijo. Novas e diferentes redes de sociabilidades inscrevem-se no panorama urbano e se articulam no modo de vida cotidiano, contribuindo decisivamente para a construção de novos imaginários.

Operam-se, neste aspecto, mudanças na ordem do desejo e do prazer, do tempo e do espaço, na ordem dos encontros e desencontros da vida social. O "145" apresenta-se, assim, enquanto mais uma alternativa de experimentação do coletivo e do individual, ora enquanto meio, ora enquanto fim. O surgimento de novas abstrações tecnológicas, ao mesmo tempo que cooptam essas novas necessidades, faz-nos possível entendê-las também enquanto articuladoras e geradoras de novos tipos de desejos nas sociedades contemporâneas. São visíveis, assim, as respostas que o mercado oferece ao surgimento destas novas tecnologias em comunicação, que diversificam os serviços no campo das interações sociais.

Interessa observar, aqui, portanto, as transformações que ocor-

rem no campo da sexualidade e da intimidade em que tais tecnologias atuam, onde o mercado demonstra um potencial significativo em termos de serviço. Disque sexo, disque amizade, sexo por computador, disque namoro, entre outros, são alguns exemplos dessas mudanças. Indago, assim, o impacto que as recentes pesquisas sobre realidade virtual e seus usos posteriores neste mercado terão sobre o modo de vida e o imaginário contemporâneo (PARENTE, 1993).

É Giddens, ainda, ao problematizar a transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, que chama atenção para o fato de que o sexo, atualmente, aparece continuamente no domínio do público e o aponta enquanto um "reino potencial da liberdade" (GIDDENS, 1993, p.09).

Ao abordar a sexualidade que emerge nos dias de hoje, cita a "sexualidade plástica" enquanto uma "sexualidade descentralizada e liberta da necessidade de reprodução" caracterizando-a:

"... como um traço da personalidade e, deste modo, está intrinsecamente vinculada ao eu. Ao mesmo tempo, em princípio liberta a sexualidade da regra do falo, da importância jactansioso da experiência sexual masculina"
(GIDDENS, 1993, p. 10).

As experiências narradas no "145", um "sex-number", como poderia se caracterizar em algum momento, revela-nos, neste aspecto, mudan-

ças significativas que se dão no interior de nossas sociedades o esse respeito e que apontam para o surgimento de novos e distintos fluxos desajonados. Talvez, até mesmo, pudéssemos falar no surgimento de novas ordens e desordens amorosas.

Está-se, nesta breve pesquisa diante de um tipo de sexualidade que pode-se denominar de virtual e que articula-se complexamente com outras formas de sexualidade. Cruzam-se, deste modo, imaginários de várias espécies, do tradicional ao pós-moderno.

Concluindo, o presente estudo pretendeu, neste sentido, contribuir para o aprofundamento do debate no que diz respeito às mudanças que atualmente presenciamos nas sociedades contemporâneas que, conforme os vários autores indicam, está repleto de questões.

Realizar uma etnografia do "145" tomou-se, deste modo, um desafio teórico-metodológico, pois se esteve observando um território cercado de sombras e extremamente nebuloso. Este estudo visou, fundamentalmente, percebê-lo enquanto um canal aberto às novas possibilidades de interação, ao mesmo tempo em que pretendeu perceber como que através de encontros iniciais basicamente linguísticos e entre estranhos, são tecidas estas novas relações, construídos e desconstruídos novos olhares sobre a realidade.

BIBLIOGRAFIA

- BAKER, Nicholson. Vox. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BODINE, Ann. Sexocentrismo e pesquisas linguísticas. In: AEBISCHER, V. & FOREL, C. (org.). *Faixas masculinas, faixas femininas? Sexo e linguagem*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- BRUCKNER, Pascal & FINKIELKRAUT, Alain. *A nova desordem amorosa*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- BUFFON, Roseli. Encontrando uma tribo masculina de camadas médias. In: GROSSI, Mírian P. (org.). *Trabalho de campo & subjetividade*. Florianópolis, Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, 1992.
- BUXÓ, María Jesús. Antropologia linguística. In: *Cuadernos de antropologia*. Barcelona, n. 3, dez. 1983.
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade*. Rio, Jorge Zahor Ed., 1985.
- CALDEIRA, Terezo Pires da Rio. Uma incursão pelo lodo "não-respeitável" da pesquisa de campo. In: *Ciências Sociais hoje*, vol. 1, CNPQ / ANPPCS, 1981.
- _____. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 21, jul. 1988.
- CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A aventura antropológica, teoria e pesquisa*. 2a. ed., Rio, Paz e Terra, 1986.
- COSTA, Cláudia de Lima. O leito de Procusto: Gênero, linguagem e as teorias feministas. In: *Codernos Pagu* (2), UNICAMP, Campinas, SP.
- COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. São Paulo, Ática, 1991.
- DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues" In: NUNES, Edson de O. (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio, Zahar, 1974.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). A aventura antropológica, teoria e pesquisa. 2a. ed., Rio, Paz e Terra, 1986.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 2a. ed., Rio, Graal, 1981.

GASPAR, Maria Dulce. Garotas de programa: prostituição e identidade social. Rio, Jorge Zahar Editor, 1985.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio, Zahar, 1978.

_____. El antropologo como autor. Barcelona, Paidós, 1989.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. São Paulo, Edit. UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 4a. ed., Petrópolis, Vozes, 1989.

GROSSI, Mírian P. Em busca de outros e outras: gênero, identidade e representação em Antropologia. (mimeo.). Florianópolis, Seminário Regional ABRALIC, 31 de out. 1991.

_____. Devaneios íntimos, teorias explícitas: gênero e subjetividade na Antropologia (mimeo.). Belo Horizonte, XVIII Reunião Brasileira de Antropologia, 12 a 15 de abr. 1992.

_____. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". In: GROSSI, Mírian P. (org.) Trabalho de campo & subjetividade. Florianópolis, Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, 1992.

GUATTARI, Felix & ROLNIK, Sueli. Micropolítica:: cartografias do desejo. Petrópolis, Vozes, 1986.

HOFFNAGEL, Judith C. & MARCUSHI, Elizabeth. O estilo feminino na interação verbal. In: COSTA, Albertina de O. & BRUSCHINI, Cristina (org.). Entre a virtude e o pecado. Rio: Roso das Tempos; São Paulo: Fund. Carlos Chagas, 1992.

HOLLANDA, Helloísa Buarque (org.). Pós-modernismo e política. 2a. ed., Rio, Rocco, 1992.

HYMES, Dell H. The ethnography of speaking. In: BLOUN, Ben (org.). Language,

- culture and society. Massachusetts, Winthrop publishers, 1974.
- LEVISON, Stephen. Pragmatics. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1983.
- LUHMANN, Nikios. O amor como paixão: para codificação da intimidade. Rio, Editora Bertrand Brasil, 1991.
- MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio, Rocco, 1984.
- _____. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Rio, Forense-Universitária, 1987.
- _____. A sombra de Dionísio. Rio, Edições Graal, 1985.
- MAGALHÃES, Maria Izabel S. Controle do tópico e da tomada de turno em encontros assimétricos. In: Ilha do Desterro. Florianópolis, n. 20, 2.º sem., 1988.
- MAGNANI, José G. C. Festa no pedaço. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MARCUSCHI, Luís A. A análise da conversação. São Paulo, Ática, 1986.
- OLIVEN, George R. A antropologia de grupos urbanos. 2ª. ed., Petrópolis, Vozes, 1987.
- ORLANDI, Eni Pulsinelli. A linguagem e seu funcionamento. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- PARENTE, André (org.). Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio, Editora 34, 1993.
- PERLONGUER, Nestor. O negócio do michê. 2ª. ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. Territórios marginais. In: Papéis avulsos. Rio, CIEC, 1989.
- PETONNET, Colette. L'anonymat ou la pellicule protectrice dans la ville inquiète. Dans chemins de la ville. Enquêtes ethnologiques. Paris, Comité des travaux historiques et scientifiques, 1987.
- ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do sejo. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

- ROSALDO, Renato. Cultura y verdad. México, Grijalbo, 1989.
- RUBEN, Guilherme Raúl. Teoria da identidade: uma crítica. In: Anuário Antropológico 86. Brasília, Ed. UnB / Tempo Brasileiro, 1988.
- SALAZAR, Cláudia de Lima C. O "outro" enquanto sujeito: a problematização pós-estruturalista. (mimeo.). Florianópolis, 1.. Seminário Regional Sul da ABRALIC, out. / nov. 1991.
- SCHWADE, Elisete. Poder do "sujeito", poder do "objeto". In: GROSSI, Mirian P. (org.). Trabalho de campo & subjetividade. Florianópolis, Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, 1992.
- SILVA, Luiz A. Machado. O significado do botequim. In: Cidade: usos e abusos. São Paulo, Brasiliense.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sócio-linguística. São Paulo, Ática, 1986,
- TIGER, Lionel. A busca do prazer. Rio, Editora Objetiva, 1993.
- TORRES, Lillian de Lucca. "Tem amigo na linha": um estudo sobre o serviço telefônico de encontros disquedamizade. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990.
- VELHO, Gilberto & MACHADO, Luiz A. Organização social do meio urbano. In: Anuário Antropológico 76. Rio, Tempo Brasileiro, 1977.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A aventura antropológica. Rio, Zahar, 1978.
- _____. Individualismo e cultura. Rio, Jorge Zahar Editora, 1987.
- _____. Subjetividade e sociedade. 2a. ed., Rio, Jorge Zahar Editora, 1989.
- WEST, Candace. Estratégias da conversação. In: AEBISCHER, V. & FOREL, C. Falas masculinas, falas femininas? Sexo e linguagem. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio. (org.). O fenômeno urbano. 2a. ed., Rio, Zahar Editora, 1973.
- ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta. São Paulo, Brasiliense, 1985.